MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

EDIÇÃO Nº 3, 2015

REVISTA OSESP

MAI 2015

OSMO VÄNSKÄ REGE AS *SINFONIAS Nº 6* E *Nº 7*, DE SIBELIUS

STÉPHANE DENÈVE REGE MÚSICAS DE CLÁSSICOS DO CINEMA E A *SINFONIA FANTÁSTICA*, DE BERLIOZ

O QUARTETO OSESP E OSMO VÄNSKÄ INTERPRETAM O *QUINTETO PARA CLARINETE E CORDAS EM LÁ MAIOR*, DE MOZART

RECITAIS OSESP:
OS PIANISTAS ÉRIC LE SAGE E FRANK BRALEY APRESENTAM PEÇAS DE SCHUMANN, DEBUSSY, MOZART E POULENC

PATRICIA KOPATCHINSKAJA INTERPRETA O *CONCERTO PARA VIOLINO*, DE MAGNUS LINDBERG

MARK WIGGLESWORTH REGE *A CHILD OF OUR TIME*, DE MICHAEL TIPPETT, COM O CORO DA OSESP, O CORO ACADÊMICO DA OSESP E AS VOZES DE MEASHA BRUEGGERGOSMAN, SUSAN BICKLEY, STUART SKELTON E PETER COLEMAN-WRIGHT

O CONCERTO PARA DOIS PIANOS EM RÉ MENOR, DE POULENC, COM ÉRIC LE SAGE E FRANK BRALEY

MÚSICA NA CABEÇA:
OSMO VÄNSKÄ COMENTA AS SINFONIAS DE SIBELIUS E MARK WIGGLESWORTH DISCUTE *A CHILD OF OUR TIME*, DE MICHAEL TIPPETT

SIR *MICHAEL TIPPET*
POR KENNETH GLOAG 4

LUGARES DA MÚSICA
POR LILIA SCHWARCZ 10

Desde 2012, a *Revista Osesp* tem ISSN, um selo de reconhecimento intelectual e acadêmico. Isso significa que os textos aqui publicados são dignos de referência na área e podem ser indexados nos sistemas nacionais e internacionais de pesquisa.

ABR 30, MAI 1,2 13

OSMO VÄNSKÄ REGENTE
CORO DA OSESP

AYLTON ESCOBAR
JEAN SIBELIUS

MAI 3 21

QUARTETO OSESP
OSMO VÄNSKÄ CLARINETE

JOHN ADAMS
BOHUSLAV MARTINU
WOLFGANG AMADEUS MOZART

MAI 7,8,9 29

OSMO VÄNSKÄ REGENTE
PATRICIA KOPATCHINSKAJA VIOLINO

LUDWIG VAN BEETHOVEN
MAGNUS LINDBERG
FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY

MAI 14,15,16 37

STÉPHANE DENÈVE REGENTE

JOHN WILLIAMS
BERNARD HERRMANN
HECTOR BERLIOZ

MAI 19 45

ÉRIC LE SAGE PIANO
FRANK BRALEY PIANO

ROBERT SCHUMANN
CLAUDE DEBUSSY
WOLFGANG AMADEUS MOZART
FRANCIS POULENC

MAI 21,22,23 51

STÉPHANE DENÈVE REGENTE
ÉRIC LE SAGE PIANO
FRANK BRALEY PIANO

DARIUS MILHAUD
FRANCIS POULENC
GEORGE GERSHWIN

MAI 28,29,30 59

MARK WIGGLESWORTH REGENTE
MEASHA BRUEGGERGOSMAN SOPRANO
SUSAN BICKLEY MEZZO SOPRANO
STUART SKELTON TENOR
PETER COLEMAN-WRIGHT BARÍTONO
CORO ACADÊMICO DA OSESP
MARCOS THADEU REGENTE
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

ANÔNIMO
MICHAEL TIPPETT

PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO 68

CORO DA OSESP 70

FUNDAÇÃO OSESP 73

PROGRAMA SUA ORQUESTRA 77

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

EXECUÇÃO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

PATROCÍNIO

Itaú PERSONNALITÉ
BancoVotorantim
Banco do Brasil Seguros
MAPFRE SEGUROS
Deloitte.
CCR
Credit Suisse
ULTRA

APOIO

Atlas Copco
BTG Pactual
Fundação BNP Paribas
correcta
ING
Bain & Company
MUFG
Banco de Tokyo-Mitsubishi UFJ Brasil S/A
bematech
FURUKAWA
broadcast+
BCG The Boston Consulting Group
FANEM
NEXTMIDIA BRASIL
TIVOLI COLLECTION SÃO PAULO-MOFARREJ BRASIL
exceda
CINELIVE
Abril gráfica
ASCAEL
Localiza Aluguel de Carros
PHILIPS
Grand Cru

VEÍCULOS

veja São Paulo
FOLHA NÃO DÁ PRA NÃO LER.
CBN A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA
CartaCapital
Brasileiros
TODAS AS CULTURAS
revista piauí
GLOBOSAT

PARA PATROCINAR E APOIAR A OSESP
marketing@osesp.art.br

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

RECITAIS OSESP

Prestigiados músicos apresentam recitais solo e programas de câmara em formato original: cadeiras no palco aproximam o público dos artistas, criando uma verdadeira sala de câmara dentro da Sala São Paulo

MAI
19 TER 21H
ÉRIC LE SAGE PIANO
FRANK BRALEY PIANO

AGO
23 DOM 16H
NELSON GOERNER PIANO

SOLISTAS DA OSESP | Nova Geração
27 QUI 19H
29 SÁB 14H45
CRISTIAN BUDU PIANO
(SALA DO CORO)

SET
20 DOM 16H
ALUNOS DA ACADEMIA DA OSESP
EMMANUELE BALDINI REGENTE
MANUELA FREUA SOPRANO

NOV
22 DOM 16H
ARNALDO COHEN PIANO

PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES
MAIS INFORMAÇÕES: OSESP.ART.BR

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

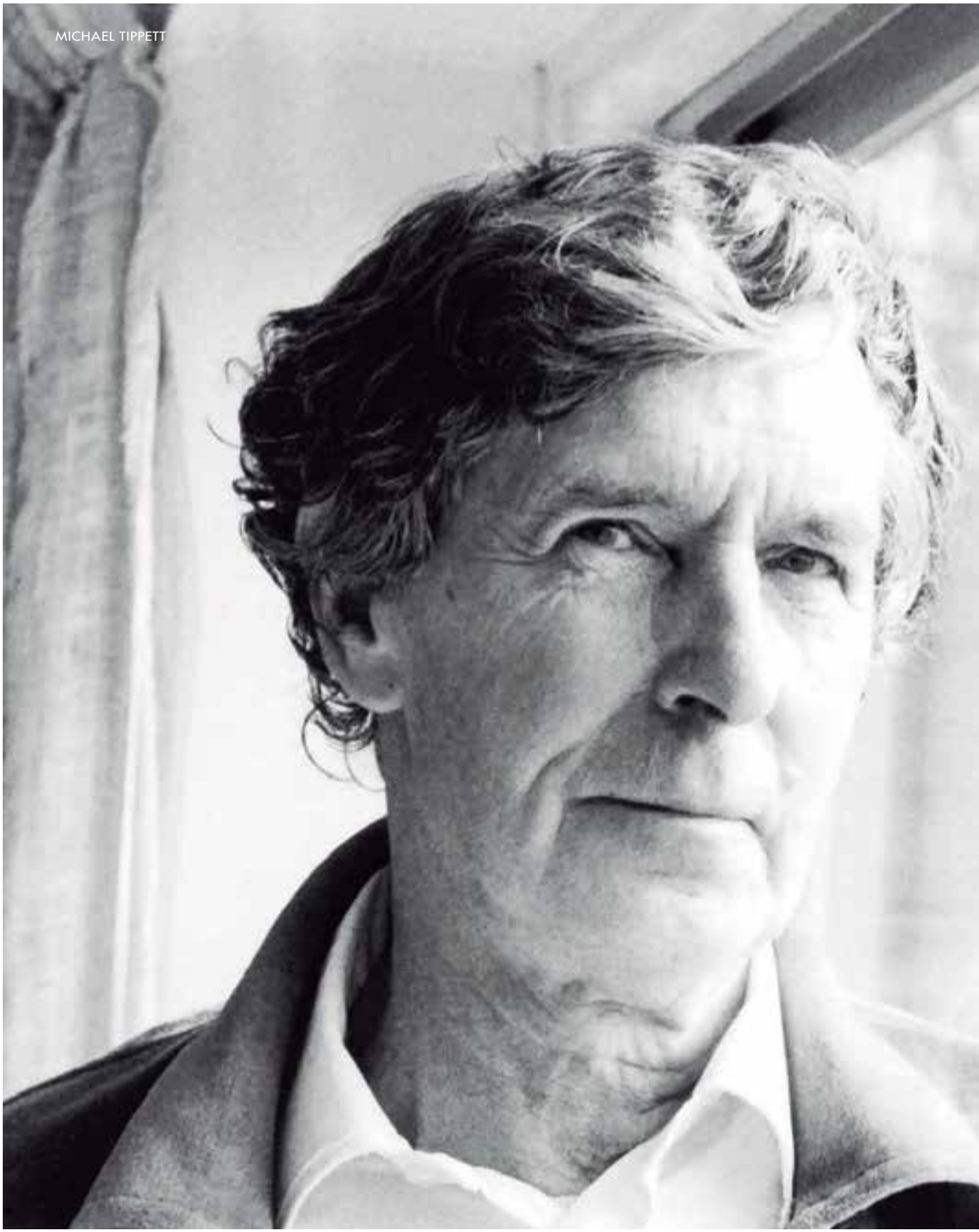
APOIO
BTG Pactual

REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA


MICHAEL TIPPETT

SIR MICHAEL TIPPETT

POR KENNETH GLOAG

Sir Michael Tippett (1905-98) foi um dos principais compositores britânicos do século XX, autor de uma obra que atingiu ampla audiência internacional. Nascido nos primeiros anos do século, o compositor vivenciou grande parte da turbulência de sua época, o que se reflete criativamente em sua música.

Embora Tippett tenha se tornado um artista muito bem-sucedido, sua carreira demorou a engrenar. A maioria de suas primeiras composições, escritas após um período de estudos no Royal College of Music, em Londres, foi renegada ou deixada incompleta. Seu progresso rumo à maturidade foi definido pelo interesse em Beethoven. O *Quarteto de Cordas nº 1*

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

TIPPETT

ORCHESTRAL & CHAMBER WORKS [6 CDS]

Vários Artistas

DECCA, 2005

COMPLETE SYMPHONIES Nos 1-4 [3 CDS]

Oquestra Sinfônica de Bournemouth

Richard Hickox, regente

CHANDOS, 2005

THE MIDSUMMER MARRIAGE

Chorus & Orchestra of the Royal Opera House, Covent Garden

Sir Colin Davis, regente

LYRITA, 2007

FANTASIA CONCERTANTE ON A THEME OF CORELLI; CONCERTO FOR DOUBLE STRING ORCHESTRA; PIANO CONCERTO [2 CDS]

Vários Artistas

EMI CLASSICS, 2012

SIR MICHAEL TIPPETT (1905-1998) [4 CDS]

Vários Artistas

NIMBUS RECORDS, 1998

CONCERTO FOR ORCHESTRA; TRIPLE CONCERTO

Orquestra Sinfônica de Londres

Sir Colin Davis, regente

György Pauk, violino

Nobuko Imai, viola

Ralph Kirshbaum, violoncelo

PHILIPS, 1990

A CHILD OF OUR TIME

Coro e Orquestra Sinfônica de Birmingham

Sir Michael Tippett, regente

Faye Robinson, soprano

Sarah Walker, mezzo-soprano

Jon Garrison, tenor

John Cheek, baixo-barítono

NAXOS, 2005

(1934-5, revisado em 1943) e a *Sonata nº 1 Para Piano* (1936-8) refletem essa influência, mesmo tendo sido necessário um extenso processo de revisão para que Tippett levasse a cabo sua visão pessoal da forma-sonata. A obra mais importante do seu período inicial é o *Concerto Para Dupla Orquestra de Cordas* (1938-9), que dialoga no primeiro movimento com a *sonata-allegro* ao estilo de Beethoven, mas que, em função do som das cordas e da referência às canções populares, também faz parte de uma tradição especificamente britânica.

Nos anos 1930, após um longo conflito, Tippett fez as pazes com sua homossexualidade. Também nessa época, seus compromissos políticos de esquerda tornaram-se evidentes, mas a mensagem de sua obra mais conhecida, o oratório *A Child of Our Time* [Um Filho de Nosso Tempo] (1939-41) — que será apresentada pela Osesp este mês —, é mais humanitária do que ideológica. Nessa obra, Tippett dá voz a suas profundas crenças pacifistas. O compromisso com o pacifismo, somado à sua identidade homossexual, sugere uma forte similaridade com Benjamin Britten (1913-76), que tinha crenças e experiência semelhantes.

Apesar de Britten e Tippett serem reconhecidos como os dois principais compositores britânicos do período e de terem sido amigos que respeitavam o trabalho um do outro, suas prioridades como compositores eram bem diferentes. Britten fez muito sucesso compondo óperas e trabalhou em gêneros reconhecíveis, como o quarteto de cordas, mas evitava as convenções e as tradições históricas de gênero. Evitava notavelmente a sinfonia, gênero que nunca compôs.

Por outro lado, Tippett, refletindo mais uma vez seu interesse por Beethoven, adotou os gêneros clássicos da música: ópera, quarteto de cordas, sonata para piano, oratório, concerto, sinfonia. Em cada uma dessas categorias, produziu obras importantes, que evocavam a tradição mas eram sempre imbuídas de novas e radicais possibilidades.

As suas quatro sinfonias foram escritas depois de serem abandonadas numa primeira tentativa e aparecem em pontos importantes da vida e da carreira de Tippett. A composição da *Sinfonia nº 1* (1944-5), por exemplo, coincidiu com um breve período que passou preso [foi condenado por ter se recusado a participar do esforço britânico na Segunda Guerra

Mundial, em função de sua crença no pacifismo]. A influência de Beethoven se refletiu na *Sinfonia nº 1*, dividida no padrão de quatro movimentos da sinfonia clássica, mas Tippett também estava aberto a muitas outras ideias e influências musicais. A *Sinfonia nº 2* (1956-7) também tem quatro movimentos, mas soa com o vigor e a energia típicos de Stravinsky, em particular da *Sinfonia em Três Movimentos* e da *Sinfonia em Dó*. Mas ressaltar as influências e os modelos não diminui a originalidade da música de Tippett, marcada sempre pelo seu próprio mundo sonoro.

A *Sinfonia nº 2* ocupa um lugar importante por se situar entre sua primeira ópera, *The Midsummer Marriage* [O Casamento de Verão] (1946-52), e a segunda, *King Priam* [Rei Príamo] (1958-61). A peça faz uma transição entre o estilo do primeiro período de Tippett, que culmina com *O Casamento de Verão*, e o rompimento radical que ocorre com a segunda ópera. A primeira fase foi moldada por uma linguagem harmônica que, em grande medida, pode ser definida como tonal. Também era marcada por gestos melódicos longos, quase infinitos, e profundamente líricos.

A segunda ópera traz uma profunda mudança em todos esses elementos, deixando para trás a centralidade tonal, substituída por novas configurações harmônicas. No lugar da expansão lírica, surgem gestos curtos e angulares, dentro de texturas e estruturas esparsas. O novo estilo indica que o compositor reconhecia a necessidade de inovar e de reencontrar uma relevância contemporânea. A escolha da *Ilíada* de Homero como fonte literária para *Rei Príamo* permitia uma nova e impactante representação do horror da guerra.

O assunto reflete as circunstâncias da primeira apresentação: a obra foi executada em Coventry, em maio de 1962, num festival que celebrava a reconstrução da catedral da cidade, destruída na Segunda Guerra Mundial. O festival também contou com a primeira apresentação do *War Requiem* [Réquiem de Guerra], de Britten. Assim como as circunstâncias emocionais da primeira execução, a ópera de Tippett também pode ser ouvida no contexto do aumento da tensão da Guerra Fria, tendo sido precedida pela crise de Suez, em 1956, e pela invasão soviética da Hungria, no mesmo ano. Ela também é contemporânea da construção do Muro de Berlim (1961) e da crise dos mísseis em Cuba (1962).

A CHILD OF OUR TIME

Orquestra Sinfônica de Londres
Sir Colin Davis, regente
Indra Thomas, soprano
Mihoko Fujimura, mezzo-soprano
Steve Davislim, tenor
Matthew Rose, baixo

LSO LIVE, 2008

A CHILD OF OUR TIME

Orquestra Sinfônica da BBC
BBC Singers
BBC Choral Society
Sir Colin Davis, regente
Jessye Norman, soprano
Janet Baker, mezzo-soprano
Richard Cassilly, tenor
John Shirley-Quirk, baixo-barítono

PHILIPS, 1990

A CHILD OF OUR TIME

Staatskapelle Dresden
Chor der Sächsischen Staatsoper Dresden
Sir Colin Davis, regente
Matthias Brauer, regente
Ute Selbig, soprano
Nora Gubisch, mezzo-soprano
Jerry Hadley, tenor
Robert Holl, baixo-barítono

PROFIL, 2008

A CHILD OF OUR TIME

Coro e Orquestra Sinfônica de Londres
Richard Hickox, regente
Cynthia Haymon, soprano
Cynthia Clarey, mezzo-soprano
Damon Evans, tenor
Willard White, baixo-barítono

CHANDOS, 1993

A música que se seguiu a *Rei Príamo*, o *Concerto Para Orquestra* (1962-3), dedicado ao aniversário de 50 anos de Britten, continuou a explorar as possibilidades da nova linguagem musical estabelecida na ópera. Tippett também continuaria a se engajar em questões sociais mais amplas. Ele visitou os EUA pela primeira vez em 1965, o que reacendeu seu interesse pelo *jazz*, pelo *blues* e pela música popular. Também se tornou altamente consciente das tensões raciais que iriam marcar a sociedade americana nos anos 1960. Essas preocupações se tornariam evidentes em suas três últimas óperas, *The Knot Garden* [O Jardim Dos Nós] (1966-9), *The Ice Break* [O Rompimento do Gelo] (1973-6) e *New Year* [Ano Novo] (1986-8).

Tippett continuou compondo até o final de sua longa vida. A obra tardia *The Rose Lake* [O Lago da Rosa] (1991-3) revela o ânimo reflexivo e nostálgico do compositor. Em 1995, ele saiu de sua aposentadoria para escrever *Caliban's Song* [Canção de Calibã], na celebração dos 300 anos da morte de Henry Purcell. Esse olhar final para um compositor britânico muito anterior foi a conclusão adequada para uma carreira que, para além de toda a sua modernidade inovadora, foi sempre engajada com a história e a tradição, refletindo criticamente sobre ambas.

KENNETH GLOAG é professor de Musicologia na Universidade de Cardiff, autor de *Tippett: A Child of Our Time* (Cambridge University Press, 1999) e coorganizador de *Musicology: The Key Concepts* (Routledge, 2005) e *The Cambridge Companion to Michael Tippett* (Cambridge University Press, 2013). Tradução de Rogério Galindo.

NÃO PERCA A PALESTRA DE MARK WIGGLESWORTH SOBRE *A CHILD OF OUR TIME*, DE MICHAEL TIPPETT, NA SÉRIE "MÚSICA NA CABEÇA", DIA 28 DE MAIO, ÀS 20H, NA SALA SÃO PAULO

SUGESTÕES DE LEITURA

Kenneth Gloag
A CHILD OF OUR TIME
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999

Kenneth Gloag e Nicholas Jones (orgs.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO MICHAEL TIPPETT
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2013

Michael Tippett
THOSE TWENTIETH CENTURY BLUES: AN AUTOBIOGRAPHY
HUTCHINSON, 1992

David Matthews
MICHAEL TIPPETT: AN INTRODUCTORY STUDY
FABER & FABER, 1979

David Clarke
THE MUSIC AND THOUGHT OF MICHAEL TIPPETT: MODERN TIMES AND METAPHYSICS
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Alex Ross
O RESTO É RUÍDO
COMPANHIA DAS LETRAS, 2009

INTERNET

WWW.TIPPETTFOUNDATION.ORG.UK

DPZ

SÉRIE OSESP
PERSONNALITÉ
2015

Seu lugar é onde a música está.

OSESP

A música inspira, eleva, chama para dançar, convida a pensar. A música pode levar você a lugares incríveis, nós podemos transformar isso em uma experiência única. Quem toca se transporta, quem ouve se transforma.

Itaú Personnalité apresenta:

Série Osesp Personnalité 2015
Lugares da Música

Estacionamento gratuito e lounge com degustações especiais para clientes Personnalité.
Mais informações e a programação completa em itaupersonnalite.com.br/experiencia

Itaú PERSONNALITÉ

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

LUGARES DA MÚSICA

POR LILIA SCHWARCZ

Prisões sempre deram muito o que pensar e imaginar. O termo tem origem latina, *presione*, que significa não só o ato de capturar e tirar de circulação como a atitude paralela, de "dar aula", no sentido de educar para a reintegração na sociedade. O uso jurídico moderno do termo acomodou vários sentidos. Designa a privação de liberdade e de locomoção determinada por uma autoridade competente e considera a reclusão uma sanção imposta pelo Estado.

Foi no século XVIII, porém, que o filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham estudou o sistema penitenciário vigente e criou uma prisão circular na qual um observador, postado num local central, poderia ver a tudo e a todos: o panóptico. Segundo o filósofo Michel Foucault, tal estrutura disseminou-se como dispositivo disciplinar que permitiria a vigilância e o controle social cada vez mais amplo e eficiente. Esse modelo teria se naturalizado entre nós, permitindo formas de vigilância cada vez mais dissimuladas: como não se sabe de onde e quando se é observado, dá-se uma internalização do controle. Todos vigiam aos outros e também a si próprios.

Não sou especialista no tema e nem penso escrever aqui um artigo sobre prisões. Apenas queria anotar como penitenciárias, de uma forma geral, produzem emoções e um largo imaginário. Há quem pense na prisão como uma espécie de reclusão profunda — um buraco escuro, definitivamente afastado de tudo e de todos. Há quem acredite que prisões são um fim de linha, uma suspensão definitiva da sociedade. Há também aqueles que vinculam essas instituições à disseminação do medo e da violência, realidades que, sem dúvida, fazem parte do cotidiano desses estabelecimentos. O fato é que, à reclusão imposta pela pena da lei, costumamos incluir novas prisões: aquelas pautadas por preconceitos e estereótipos que acabam por isolar de vez uma população, que, segundo dados recentes, cresceu 350% nos últimos três anos. Já temos a quarta maior população carcerária do mundo, sendo São Paulo o estado "campeão".

Termos como "cidadania" e "democracia" entraram na agenda pública, nos anos 1970, para não mais sair, e talvez seja possível retornar a um dos sentidos mais surrados dessa questão. Contra todas as probabilidades, é preciso entender a passagem por instituições penais como um possível recomeço, e não apenas um processo terminal. Uma boa utopia é aquela que investe na autoestima daqueles que muitas vezes a perderam; prevê novas saídas profissionais, ajuda a imaginar formas renovadas e novos significados para experiências de vida castigadas por histórias pessoais condicionadas pela violência e pela exclusão, quando não pelo preconceito. Afinal, a pena da reclusão, da ausência de liberdade, já é suficientemente carregada, e não é preciso que se adicionem mais estigmas e interdições. Por isso, novas políticas têm previsto projetos de inserção, e não exclusivamente de criminalização e condenação, os quais, aliás o corpo da lei já garante.

Foi com essa filosofia, e na esteira de atividades como os clubes e oficinas de leitura, realizados nas penitenciárias femininas paulistas há mais de quatro anos — e que se transformaram em modelos para a lei estadual de remição de pena por leitura (que garante que a cada livro lido uma detenta tenha sua pena reduzida)[1] —, que a Osesp, em conjunto com a editora Com-

panhia das Letras, organizou um concerto especial na Penitenciária de Santana, no dia 20 de março de 2015, em homenagem ao mês das mulheres.

Eram três da tarde, e numa sala especialmente arrumada e decorada com fitas brancas e lilases encontramos 250 detentas sentadas e ansiosas pela atividade que iria começar. Depois da fala da educadora Tatiane Cruvinel — que destacava o fato de cultura não ter fronteiras —, o professor Leandro Oliveira arriscou um prontamente respondido: "Boa tarde".

A força da reação já pegou de surpresa Leandro e o Quarteto de Cordas da Academia Osesp (Gideoni Loamir, Suelen Boer, Abner Molina e Matheus Mello), que tocou de Mozart a Guerra-Peixe, repertório cuidadosamente escolhido por Rogério Zaghi, coordenador dos programas educacionais da Osesp e parceiro fundamental nessa empreitada.

O silêncio só era interrompido por salvas de palmas que explodiam (cuidadosa e respeitosamente) logo após cada peça. Aos poucos, o ambiente improvisado ia virando uma sala de concertos.

Eis que entra o Coro Acadêmico da Osesp, formado por 20 cantores, acompanhados pela pianista Dana Radu e pelo maestro Marcos Thadeu. O programa equilibrava peças sacras e música popular. Nosso maestro elevava o tom da emoção a cada nova peça. Quase ao final, o coro interpretou "Minha Namorada", de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, sendo seguido por uma plateia tão emocionada quanto afinada. Mas faltava a peça de arremate: "Volta Por Cima", de Paulo Vanzolini. No refrão, a convite do maestro, a audiência levantou-se e com os braços erguidos cantou: "Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima".

A essa altura não havia quem não estivesse chorando ou com olhos marejados, incluindo nessa lista os secretários da prisão, os diretores, as detentas, os funcionários da penitenciária e da Osesp, e os próprios cantores do coral.

Os músicos começaram a arriscar sair quando o público arrancou um pedido de bis. O coral repetiu então o "levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima", com endereço certo: nessa vida tudo vira e tem força para ser alterado. As moças, vestidas de laranja e branco, soltaram novo grito coletivo, exigindo: "Quarteto! Quarteto!".

O concerto terminou depois de mais uma peça das cordas, e fomos convidados a sair por dentro da penitenciária com seus três andares cheio de pequenas celas e suas ainda mais diminutas janelas de comunicação. A sensação foi de passar pelo interior de um grande panóptico.

Fomos todos cumprimentados, aplaudidos, saudados. Quando já estávamos quase deixando o complexo, uma senhora que assistira a tudo me estendeu a mão e disse: "Por duas horas esqueci onde vivo".

A sensação foi das mais ambíguas. Senti o que significa "ficar" e não ter a minha liberdade do ir e vir. Mas entendi também que alguns gestos representam muito, que a música — seja ela qual for — irmana e que a humanidade sempre pode mais.

A Osesp vai repetir esses concertos a cada semestre; e a ideia é no futuro aprimorar o modelo e incluir no pacote novas penitenciárias.

Tudo isso é ainda um sonho, mas que já começou com ar de (muita) realidade.

LILIA MORITZ SCHWARCZ é professora titular no Departamento de Antropologia da USP, *global scholar* na Universidade de Princeton (EUA) e membro do Conselho de Administração da Fundação Osesp. Publicou *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um Monarca Nos Trópicos* (Companhia das Letras, 1998) e *O Sol do Brasil* (Companhia das Letras, 2008), entre outros livros.

1. Departamento Penitenciário Nacional. Portaria conjunta nº 276, de 20 de junho de 2012 — Disciplina o Projeto da Remição pela Leitura no Sistema Penitenciário Federal.

JANELA DO TEATRO SÃO LUIZ, EM LISBOA

MAIO

30 ABR QUI 21H JACARANDÁ
1 MAI SEX 21H PEQUIÁ
2 MAI SÁB 16H30 IPÊ

OSMO VÄNSKÄ REGENTE
CORO DA OSESP

AYLTON ESCOBAR [1943]

A Rua Dos Douradores - Litania da Desesperança [Estreia Mundial]

[Coencomenda Osesp e Fundação Calouste Gulbenkian
(SP-LX Nova Música Contemporânea de Brasil e Portugal)]

20 MIN

JEAN SIBELIUS [1865-1957] Sinfonias de Sibelius

Sinfonia nº 6 em Ré Menor, Op.104 [1923]

- Allegro Molto Moderato
- Allegretto Moderato
- Poco Vivace
- Allegro Molto

28 MIN

Sinfonia nº 7 em Dó Maior, Op.105 [1918-24]

22 MIN

O ano de 2014 cobriu-me com véus cinzentos: era a vez de olhar para dentro, pois em 2013 um ciclo se concluía e o futuro ainda nada me dizia do seu rosto, da sua voz. Os estímulos positivos ou as realizações de algum sucesso ou bem-sucedidas durante o ano que passou mal venceram a fumaça das dúvidas e o silêncio dos punhais para despejar faíscas de alegria.

No entanto, a Osesp honrou-me com o comissionamento de uma nova obra para coro e orquestra. A noção dessa responsabilidade fez dobrar a aflição inicial ao ser confirmada a parceria do projeto com a Fundação Calouste Gulbenkian de Portugal, com a estreia da obra anunciada para 2015, cá e lá. Não por acaso, mas por força das emoções em alerta, o *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa (1888-1935), caiu em minhas mãos para falar "de uma depressão profunda e calma" — o solilóquio de Pessoa incomparavelmente mais denso na dor e na beleza. Fui aprisionado pela suave e cruel sedução do que me contavam aquelas páginas. Com seus "quebrados e desconexos pedaços", costurei o texto que, enfim, orientou minha viagem pessoal pelo mundo das opacidades. Encontrei o título da peça quase dramática que então compunha — *A Rua Dos Douradores* — no endereço onde viveu o personagem de Pessoa, certo Bernardo Soares, "aposentado em Lisboa"; o aposto ao título — *Litania da Desesperança* — teria sido um dos vários nomes pensados para o livro.

A obra musical, finalmente, não deu lugar a vibrações demasiado estridentes ou *tuttis* iridescentes; em vez disso preferiu trazer recônditas paisagens que a orquestra reconstrói como abrigo para o poeta: paredes e janelas, atmosferas. Por algum mecanismo emocional de difícil explicação, senti a proximidade da angústia e dos ambientes vividos por Fernando e Miguel de Unamuno (1864 - 1936), sobre cujos salmos eu havia escrito uma obra sete anos atrás [*Salmos Elegíacos Para Miguel de Unamuno* (2008), outra encomenda da Osesp]. Por essa razão, foram inelutáveis as poucas citações e transposições daquela para esta partitura, que afinal se parecem, sobretudo no caráter das litanias.

No livro de Pessoa, o texto vem escrito na primeira pessoa, testemunha solitária e melancólica. Assim, as vozes do coro — um eu multiplicado — só tiveram de misturar os cacos de espelho em que se estilhaçam o rosto e a alma da personagem comum que caminha pelos bares e ruas de uma cidade qualquer.

A partitura quis entender e repetir as reflexões do poeta anotadas no correr de longos anos. Tantos "pedaços desconexos" obrigaram-na a um frágil elemento de ligação para o tecido musical, apenas memórias recorrentes ouvidas nos solos instrumentais que vão cerzindo vagos traçados sonoros.

Ao final, o espírito do poeta se derrama sobre os espectadores, convocando-os, já que as angústias de Soares não brotaram ilhadas em uma só Pessoa: são coisas que nos dizem respeito — se a alma não for pequena.

AYLTON ESCOBAR

Jean Sibelius compôs suas sete sinfonias durante um quarto de século. A primeira estreou em 1899, quando ele tinha 33 anos; a última, quando estava chegando aos 60. Sibelius tinha planos de ir em frente e trabalhou numa oitava sinfonia por muitos anos, até queimar o manuscrito e ficar sem compor nas últimas três décadas de sua vida.

Muitas teorias tentam explicar por que ele não foi capaz de continuar seu bem-sucedido ciclo sinfônico, que forma a parte principal de sua produção como compositor. Alguns dizem que não conseguia controlar o problema que tinha com a bebida, outros culpam a rigorosa autocrítica. Acredito que uma explicação mais lógica é que tenha desenvolvido seu pensamento musical até o ponto em que não conseguia mais encontrar um modo de seguir avançando. Deve ter percebido que quando não se tem nada de novo para dizer, é melhor ficar em silêncio.

Colocadas em perspectiva histórica, as sete sinfonias formam um arco que vai do romantismo a um pensamento abstrato que transcende idiomas nacionais e, na verdade, quaisquer pontos externos de referência. Na história da música, o primeiro quarto do século XX foi marcado pelo colapso da harmonia tonal e pela introdução da música atonal. Sibelius havia estudado na Alemanha e na Áustria e viajava regularmente. Logo, estava consciente das novas tendências. Lutava para encontrar novos meios de expressão, mas não do mesmo modo que Arnold Schoenberg e seus pupilos. Não estava interessado em romper com a harmonia tonal — desenvolveu sua música a partir de dentro, construindo uma linguagem que foi denominada de "técnica dominó": cada novo motivo se desenvolve a partir do anterior. A música muda constantemente, mas, mesmo assim, todos os motivos da sinfonia têm um mesmo código genético básico. Tudo se conecta.

A *Sinfonia nº 6* estreou em Helsinque em 1923, e a *nº 7*, em Estocolmo, um ano depois. Intimamente ligadas pela técnica de composição, elas são, ao mesmo tempo, muito diferentes em seu caráter. A *Sétima*, em Dó Maior, é extrovertida e apolínea. Começa com um motivo ascendente, enquanto a *Sexta*, em Ré Menor, embarca num modo descendente, melancólico, que às vezes lembra a música de igreja da Renascença Ita-

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

ESCOBAR

OBRAS PARA CORO

Coro da Osesp

Naomi Munakata, regente

OSESP DIGITAL, 2013

SIBELIUS

COMPLETE SYMPHONIES: VIOLIN CONCERTO; FINLANDIA; VALSE TRISTE [4 CDS]

Orquestra Sinfônica de Adelaide

Arvo Volmer, regente

ABC CLASSICS, 2010

THE COMPLETE SYMPHONIES

Orquestra Sinfônica de Lahti

Osmo Vänskä, regente

BIS, 2001

SYMPHONIES 1-7

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sakari Oramo, regente

ERATO, 2012

liana. Formalmente, a *Sétima* é mais avançada e tem a especificidade de transcorrer num movimento contínuo, o que reflete o pensamento formal radical típico das últimas obras de Sibelius, incluindo o poema sinfônico *Tapiola* (1926).

Em entrevista ao jornal *Helsingin Sanomat*, Osmo Vänskä, um dos mais importantes regentes da música de Sibelius em nossos tempos, comenta o caráter autobiográfico da *Sinfonia nº 6*: "Um homem que está envelhecendo percebe a sua própria incapacidade. Os ideais estão lá, mas ele não consegue alcançá-los." Ainda segundo Vänskä, a *Sétima* forma um par com a anterior, mas não se centra no próprio compositor: "O ego é deixado para trás, e as coisas são vistas do ponto de vista da humanidade. O compositor volta seu olhar para forças mais altas. A *Sinfonia nº 7* é música sacra."

Para os ouvintes finlandeses, a música de Sibelius evoca um forte sentimento de natureza, com lagos azuis, florestas verdes de pinheiros e ar puro gelado. O próprio Sibelius, que gostava de contemplar a natureza e a mudança das estações, disse: "A *Sinfonia nº 6* sempre me lembra do odor da primeira neve".

Embora as sinfonias anteriores, especialmente a *nº 2* e a *nº 5*, continuem sendo as obras orquestrais de Sibelius mais executadas, junto com o *Concerto Para Violino*, as duas últimas são as mais originais e representam o auge de seu pensamento musical. Para Sibelius, não era possível ir mais longe.

RISTO NIEMINEN é mestre em Musicologia e Literatura pela Universidade de Helsinque, foi diretor artístico do Instituto de Pesquisa e Coordenação de Acústica/Música (Ircam) e atualmente é diretor do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Tradução de Rogério Galindo.

NÃO PERCA A AUDIÇÃO DAS SINFONIAS DE SIBELIUS COM COMENTÁRIOS DE OSMO VÄNSKÄ, DIA 4 DE MAIO, ÀS 19 HORAS, NA SALA SÃO PAULO

JEAN SIBELIUS

SUGESTÕES DE LEITURA

Daniel M. Grimley (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO SIBELIUS
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2004

Lauro Machado Coelho
O CANTOR DA FINLÂNDIA: VIDA E OBRA DE JEAN SIBELIUS
ALGOL, 2009

INTERNET

WWW.SIBELIUS.FI

OSMO VÄNSKÄ REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MARÇO DE 2013

Nascido em Sääminki, na Finlândia, Osmo Vänskä — clarinetista por formação — estudou regência sob orientação de Jorma Panula. Em 1988, assumiu a direção musical da Orquestra Sinfônica de Lahti, que se tornou, sob sua liderança, uma das mais importantes da Finlândia. Desde 2003, Vänskä é diretor musical da Orquestra de Minnesota. Como regente convidado, dirigiu várias das orquestras mais eminentes do mundo, como a Orquestra Nacional da França, a Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdã e a Sinfônica de Chicago, sem falar na Osesp. Em 2001, recebeu o prêmio da Royal Philharmonic Society. Sua gravação das *Sinfonias nº 1* e *nº 4*, de Sibelius (BIS, 2013), recebeu o prêmio Grammy.

CORO DA OSESP

A combinação de um grupo de cantores de sólida formação musical com a condução de uma das principais regentes brasileiras faz do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. À frente do grupo, Naomi Munakata tem regido também obras consagradas, que integram o cânone da música ocidental. Criado como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo em 1994, passou a se chamar Coro da Osesp em 2001. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital).

BancoVotorantim

INSPIRAR A **VIDA** POR MEIO DA **MÚSICA.**

O **Banco Votorantim** é um banco brasileiro que acredita ser possível fazer a diferença na vida das pessoas, tornando a arte acessível a todos. Por isso, temos o orgulho de apoiar a **Osesp**, que há mais de 60 anos desenvolve um trabalho de disseminação da cultura e da música erudita na sociedade.

REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

www.bancovotorantim.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800 728 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, 24 horas por dia, 7 dias por semana, ou e-mail sac@bancovotorantim.com.br. Ouvidoria: 0800 707 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, exceto feriados nacionais, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. Caixa Postal 21074, Rua Barão do Triunfo, 242, São Paulo - SP, CEP 04602-970. Formulário de contato disponível no site do Banco Votorantim S.A.

BOHUSLAV MARTINU AO VIOLINO, COM SUA IRMÃ MARIE, *C.* 1897

3 DOM 16H QUARTETO OSESP

QUARTETO OSESP
EMMANUELE BALDINI VIOLINO
DAVI GRATON VIOLINO
PETER PAS VIOLA
ILIA LAPOREV VIOLONCELO
OSMO VÄNSKÄ CLARINETE

JOHN ADAMS [1947] COMPOSITOR VISITANTE

John's Book of Alleged Dances: Pavane: She's so Fine
[O Livro de John Das Supostas Danças: Pavana: Ela é Tão Bonita] [1994]

7 MIN

BOHUSLAV MARTINU [1890-1959]

Três Cavaleiros [1902]

12 MIN

Quarteto nº 2 [1925]

- Moderato - Andante - Allegro Vivace
- Andante
- Allegro

20 MIN

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-91]

Quinteto Para Clarinete e Cordas em Lá Maior, KV 581 [1789]

- Allegro
- Larghetto
- Menuetto - Trio
- Allegretto Con Variazioni

30 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

ADAMS

FELLOW TRAVELER: THE COMPLETE STRING QUARTET WORKS OF JOHN ADAMS

Attacca Quartet

AZICA, 2013

MARTINU

STRING QUARTETS

Panocha Quartet

SUPRAPHON, 2007

STRING QUARTETS N° 1 & N° 2; THREE HORSEMAN

Martinu Quartet

NAXOS, 2000

MOZART

SABINE MEYER PLAYS MOZART – CLARINET & HORN QUINTET

Sexteto de Cordas de Viena

Sabine Meyer, clarinete

Bruno Schneider, trompa

EMI CLASSICS, 2001

CLARINET QUINTET

Quarteto de Cordas de Tóquio

Richard Stolltzman, clarinete

RCA, 2012

MOZART/WEBER

KLARINETTENQUINTETT

Quarteto de Cordas da Filarmônica de Dresden

Karl Schlechta, clarinete

ANTES, 2008

As *Supostas Danças* foram as peças que escrevi logo após o *Concerto Para Violino*, uma obra complexa, que levou um ano inteiro para ser composta. O *Concerto* me deu coragem para ir mais longe ao compor para cordas, e algumas das técnicas e dos gestos com que entrei em contato nele reapareceram no novo quarteto, mas com uma aparência menos séria.

O *Livro* é uma coleção de 10 danças, seis das quais acompanhadas por uma faixa gravada de percussão feita a partir de sons de piano preparado. O piano preparado foi, é claro, uma invenção de John Cage, o primeiro a colocar borrachas, nozes, parafusos e outros objetos amortecedores nas cordas do piano de cauda, transformando-o num tipo de gamelão pigmeu. Na versão original das *Supostas Danças*, os sons de piano preparado foram organizados como *loops* colocados num gravador que ficava no palco, e um dos integrantes do Kronos Quartet os disparava no momento certo com um pedal. Isso criava um grande suspense nas *performances* ao vivo — talvez suspense demais, já que a chance de dar errado era tão grande que os integrantes do quarteto finalmente me convenceram a criar um CD com os *loops*, decisão que reduziu muito o grau de ansiedade durante as apresentações.

As danças eram "supostas" porque os passos para elas ainda precisavam ser inventados (embora hoje vários coreógrafos, incluindo Paul Taylor, tenham criado peças a partir delas). O tom geral é seco, divertido, sardônico. A música foi composta em grande medida pensando nas personalidades dos integrantes do Kronos. A pequena pavana "She's so Fine" [Ela é Tão Bonita], por exemplo, foi expressamente pensada para o registro docemente lírico do violoncelo de Joan Jeanrenaud.

JOHN ADAMS. Tradução de Rogério Galindo.

Bohuslav Martinu nasceu em 1890 numa pequena cidade nas montanhas entre a Boêmia e a Morávia. Passou parte de sua infância morando na torre de uma igreja, pois o pai era encarregado da manutenção do relógio. De família pobre, cresceu entre as quatro paredes do pequeno apartamento na torre, separado da rua onde as outras crianças brincavam por 193 degraus. Brincar com um violino e compor como autodidata eram suas únicas distrações.

Foi justamente um concerto como violinista, em 1905, que convenceu alguns generosos concidadãos de que ele precisaria ser ajudado financeiramente para ir à capital Praga. A viagem aconteceria no ano seguinte e uma das composições que o jovem Bohuslav levou consigo foi *Três Cavaleiros*, para quarteto de cordas, hoje quase desconhecida. Ao ouvi-la, alguns anos atrás, me convenci de que seria muito interessante levar para o nosso público a primeira experiência de Martinu na composição para quarteto e apresentá-la junto a uma obra do período imediatamente posterior a seus estudos em Praga e Paris.

Apesar da inocência e da simplicidade formal, a peça mostra uma criatividade melódica e rítmica que nos deixa boquiabertos ao pensarmos que foi escrita quando ele tinha apenas 12 anos (ou menos, já que algumas fontes marcam 1900 como o ano de composição). É uma das primeiras composições conhecidas de Martinu e se baseia numa famosa história popular tcheca com o mesmo título (cujo original em língua tcheca é "Tri Jezdci").

Já o *Quarteto nº 2*, escrito em Paris em 1925, é o resultado do tanto que Martinu aprendeu ao estudar com Josef Suk em Praga e, sobretudo, com Albert Roussel em Paris, graças a uma bolsa de estudos concedida em 1923. No *Quarteto*, podemos ouvir claramente as influências do impressionismo francês, sem descaracterizar a forte personalidade do compositor.

A música de sua terra sempre está presente em suas obras, assim como suas experiências de infância e adolescência. O próprio compositor, já adulto, falou da importância de seus anos na torre para sua música. Com a licença do público, deixo aqui registrada uma opinião minha sobre Bohuslav Martinu, que considero um compositor extremamente subestimado e cuja obra de câmara e sinfônica precisaria ser mais valorizada. A pequena contribuição do Quarteto Osesp será este concerto, e espero que você, que está lendo estas palavras, possa concordar comigo ao fim da apresentação.

EMMANUELE BALDINI é *spalla* da Osesp e primeiro violino do Quarteto Osesp.

SUGESTÕES DE LEITURA

Thomas May (org.)
THE JOHN ADAMS READER: ESSENTIAL WRITINGS ON AN AMERICAN COMPOSER
AMADEUS, 2006

John Adams
HALLELUJAH JUNCTION: COMPOSING AN AMERICAN LIFE
FARRAR, STRAUS & GIROUX, 2009

F. James Rybka
BOHUSLAV MARTINU: THE COMPULSION TO COMPOSE
SCARECROW, 2011

Alfred Einstein
MOZART, HIS CHARACTER, HIS WORK
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1968

Paul Johnson
MOZART: A LIFE
PENGUIN, 2014

INTERNET

WWW.EARBOX.COM
WWW.MARTINU.CZ
WWW.MOZARTPROJECT.ORG

Lirismo, delicadeza e equilíbrio são traços evidentes do *Quinteto Para Clarinete e Cordas em Lá Maior*, KV 581, de Mozart. Composta em 1789, a obra é considerada a primeira na história da música a conjugar o clarinete e um quarteto de cordas. Figura entre as mais admiráveis peças da música de câmara de todos os tempos, além de ter se tornado bastante popular dentro do próprio repertório mozartiano. Conhecida também como *Quinteto Stadler*, foi escrita especialmente para o clarinetista Anton Stadler, com quem Mozart manteve uma estreita amizade e de quem foi colega de maçonaria.

Quatro movimentos — cada um com sua elegância específica, em interação com os demais — integram o quinteto. No primeiro — "Allegro" —, o clarinete se articula belamente aos instrumentos de corda, conferindo, ao mesmo tempo, leveza e densidade ao conjunto. Já no seguinte, o instrumento passa a assumir o papel de protagonista, revelando-se quase uma voz humana, feliz e sublime, capaz de provocar sutis emoções nos ouvintes, que se deixam conduzir pelas modulações líricas. A delicadeza vibrante e o frescor da surpresa se mantêm vivos até o final do movimento, que é seguido pelo "Menuetto", de estrutura interna mais complexa, em que se sobressai certo tom bucólico, somado à elegante combinação de sonoridades dos cinco instrumentos. O último movimento, o "Allegretto Con Variazioni", vem brindar-nos com um tema simples, quase ingênuo, mas que vai adquirindo diversas texturas sonoras, graças às suas imprevistas variações. Se um matiz ligeiramente melancólico se faz ouvir em certas passagens, somos aos poucos levados a um arrebatamento dos sentidos, a uma quase epifania, em que se mesclam alegria, graça e luminosidade.

A notável singularidade dessa obra da fase tardia de Mozart consiste, sobretudo, na forma como o clarinete é explorado em suas múltiplas possibilidades melódicas e expressivas, sem que os demais instrumentos sejam relegados a meros acompanhantes. Cada um mantém sua intensidade e sua presença sonora, ao mesmo tempo que se entrelaça aos demais. Se o clarinete assume um papel de destaque em muitos momentos, o diálogo vivo entre ele e os instrumentos de corda potencializa o equilíbrio delicado e vibrante do conjunto.

Pode-se dizer que Mozart reinventa suas próprias possibilidades, ao fazer desse trabalho um ponto de confluências sonoras de instigante beleza. Nesse sentido, o *Quinteto* revela-se como um verdadeiro bálsamo para o espírito e um poderoso estímulo para a imaginação.

MARIA ESTHER MACIEL é professora de Teoria Literária e Literatura Comparada da UFMG e autora de *O Livro Dos Nomes* (Companhia das Letras, 2008), entre outras obras.

QUARTETO OSESP

Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne o *spalla* da Orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Graton, o violista Peter Pas e o violoncelista Ilia Laporev. Tem como uma de suas características a reunião de músicos que se formaram em escolas diferentes — italiana, brasileira, norte-americana e russa. A soma dessas tradições contribui para enriquecer a identidade do grupo. Desde sua fundação, o Quarteto Osesp tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras e criativas. Seu repertório é extremamente vasto, incluindo obras que vão da época barroca até os jovens compositores contemporâneos. Entre os que já se apresentaram com o grupo estão artistas como Ricardo Castro, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, David Aaron Carpenter, Nicholas Angelich, Nathalie Stutzmann e Jean-Efflam Bavouzet.

OSMO VÄNSKÄ CLARINETE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MARÇO DE 2013

Nascido em Sääminki, na Finlândia, Osmo Vänskä — clarinetista por formação — estudou regência sob orientação de Jorma Panula. Em 1988, assumiu a direção musical da Orquestra Sinfônica de Lahti, que se tornou, sob sua liderança, uma das mais importantes da Finlândia. Desde 2003, Vänskä é diretor musical da Orquestra de Minnesota. Como regente convidado, dirigiu várias das orquestras mais eminentes do mundo, como a Orquestra Nacional da França, a Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdã e a Sinfônica de Chicago, sem falar na Osesp. Em 2001, recebeu o prêmio da Royal Philharmonic Society. Sua gravação das *Sinfonias nº 1* e *nº 4*, de Sibelius (BIS, 2013), recebeu o prêmio Grammy.

Promover a democratização da cultura como um valor maior, capaz de modificar a vida das pessoas.

Em nosso dia a dia, trabalhamos para proteger tudo o que é essencial para sua família. E a cultura é uma delas. Por isso, apoiamos o projeto Descubra a Orquestra, desenvolvido pela OSESP, que garante o acesso de milhares de brasileiros a ações educativas e musicais de qualidade.

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

ÚLTIMA NOTA, TELA DE AUTOR DESCONHECIDO
(ACERVO DA PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO)

7 QUI 21H PAU-BRASIL
8 SEX 21H SAPUCAIA
9 SÁB 16H30 JEQUITIBÁ

OSMO VÄNSKÄ REGENTE
PATRICIA KOPATCHINSKAJA VIOLINO

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]
Abertura Leonora nº 2, Op.72a [1804-5]
13 MIN

MAGNUS LINDBERG [1958]
Concerto Para Violino [2006]
- I
- II
- III
27 MIN

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY [1809-47] MENDELSSOHN EM FOCO
Sinfonia nº 3 em Lá Menor, Op.56 - Escocesa [1829-42]
- Andante Con Moto - Allegro un Poco Agitato (Attacca)
- Vivace Non Troppo (Attacca)
- Adagio Cantabile
- Allegro Vivacissimo - Allegro Maestoso Assai
40 MIN

Um dos aspectos da obra de Beethoven que encontra uma reverberação mais forte na modernidade são as pegadas deixadas pelo processo de criação, que hoje podemos admirar por seu valor artístico intrínseco. São as gotas de suor que dão liga a essas estruturas, que soam simultaneamente laboriosas e inevitáveis.

Beethoven disse ter merecido a "coroa dos mártires" por sua única ópera, *Fidelio*, um caso de dificuldade excepcional mesmo para um compositor naturalmente obcecado por minúcias e revisões. O trabalho se estendeu por 10 anos, duas revisões de grandes proporções e nada menos que quatro aberturas. As três primeiras tentativas foram descartadas e publicadas em separado, com os títulos de *Leonora* números 1, 2 e 3. As aberturas de número 2 e 3 estão, paradoxalmente, entre os exemplos mais brilhantes de toda a música dramática.

Fidelio é a única ópera do gênero francês de "resgate" que se mantém no repertório. Seu argumento combina o drama de Florestan, um preso político que é resgatado da masmorra por sua corajosa esposa Leonora, disfarçada de homem sob o codinome Fidelio, e um subenredo cômico, protagonizado pelo carcereiro e seus problemas familiares, que abre a ópera.

E aí reside o problema de equilíbrio. A abertura teria de fazer sentido como um movimento sinfônico independente e antecipar a exaltada ação dramática; porém, não deveria encobrir as cenas domésticas do início. A abertura *Leonora nº 1*, relativamente simples, antecipando a música que mais tarde ouviremos da boca de Florestan, foi descartada pelo compositor por seu insuficiente peso dramático.

Já a segunda tentativa é concebida como um *trailer*, um resumo da ação teatral. Ouvimos a atmosfera opressora da masmorra e os brados de liberdade do final, Florestan de novo está presente, a textura é ágil e poderosa. Na busca da veracidade dramática, o compositor omite a recapitulação dos temas e segue adiante com o toque libertário dos trompetes, que precipita o final, algo reminiscente de Rossini.

Ele ainda não ficou satisfeito e ampliou esse material na *Leonora nº 3*, mais majestosa e complexa como movimento sinfônico, que, entretanto, cai no erro de ser mais ambiciosa que a ação que lhe segue. Diante desse dilema, ele acabou por compor um prelúdio, sem *trailer*, brilhante e mais adequado ao teatro, a abertura definitiva de *Fidelio*.

Por uma ironia da história, *Fidelio*, um episódio real que celebra a liberdade em termos simbólicos, teve sua estreia em 1805, quando Viena estava ocupada pelo exército francês. Desnecessário dizer que foi um fracasso.

[2009]

FÁBIO ZANON é violonista, professor visitante na Royal Academy of Music e autor de *Villa-Lobos* (Série "Folha Explica", Publifolha, 2009).

Magnus Lindberg é um compositor que molda suas obras principalmente a partir da harmonia e do ritmo. Nele, a expressão melódica é mais uma projeção horizontal das estruturas harmônicas do que um ponto de partida. Isso pode explicar por que concertos solo não foram a sua principal preocupação ao longo dos anos. Em meados dos anos 1980, Lindberg recebeu a encomenda de um concerto para piano, e o resultado foi *Kraft* (1983-5) — uma grande obra para um conjunto de sete solistas e orquestra. O *Concerto Para Piano* surgiria só seis anos mais tarde. Depois, Lindberg só faria mais duas incursões no gênero antes do *Concerto Para Violino* (2006): o *Concerto Para Violoncelo* (1997-9) e o *Concerto Para Clarinete* (2001-2) [interpretado pela Osesp em 2012, com o solista Kari Kriikku].

A ideia de escrever um concerto para violino para o festival Mostly Mozart veio de Jane Moss, diretora artística do Lincoln Center, em Nova York. Como uma homenagem a seu predecessor austríaco, Lindberg escolheu escrever para uma orquestra mozartiana, consideravelmente menor do que a que ele usa em geral: sem os naipes de percussão ou de metais para ressaltar os acentos rítmicos e as massas harmônicas. Apenas oboés, fagotes e trompas se unem às cordas.

Mozart não é um dos compositores mais familiares para Lindberg e não surpreende que, exceto pela formação da orquestra, não se encontrem alusões à sua música. O *Concerto nº 2 Para Violino* (1937-8), de Bartók, se aproxima muito mais: é enérgico, virtuosístico, mais sério do que sofisticado, baseado numa construção sólida, que não aparece na superfície.

Assim como o *Concerto Para Clarinete*, o *Concerto Para Violino* soa surpreendentemente tonal para uma peça de Lindberg. Provavelmente por causa do violino. Na escrita de Lindberg, o caleidoscópico instrumento solo é como um curinga desempenhando vários papéis, às vezes se fundindo como um elemento dentro da orquestra, às vezes dialogando com ela ou propondo um forte contraste. Em alguns momentos, o violino deixa de ser um ator puramente melódico ou textural para ser um veículo polifônico que leva a harmonia com ele.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

BEETHOVEN

THE 9 SYMPHONIES, OVERTURES

Orquestra de Cleveland

George Szell, regente

SONY CLASSICAL, 2013

LINDBERG

VIOLIN CONCERTOS

Lisa Batiashvili, violino

Orquestra Sinfônica da Rádio Finlandesa

Sakari Oramo, regente

SONY CLASSICAL, 2007

VIOLIN CONCERTO; JUBILEES; SOUVENIR

Tapiola Sinfonietta

Pekka Kuusisto, violino e regente

ONDINE, 2013

MENDELSSOHN

SYMPHONY N° 3 "SCOTTISH"; OVERTURE: THE HEBRIDES

Orquestra Sinfônica de Londres

Sir John Eliot Gardiner, regente

LSO LIVE, 2014

SYMPHONY N° 3 "SCHOTTISCHE"; HEBRIDEN - OUVERTÜRE

Orquestra Filarmônica de Berlin

Herbert von Karajan, regente

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1997

Em suas obras recentes, Lindberg usou o que ele chama de "técnica de chacona", que, de uma maneira simplificada, pode ser descrita como uma versão contemporânea e complexa do princípio da chacona barroca, em que uma sucessão de acordes se repete continuamente, enquanto a melodia evolui.

No *Concerto Para Violino*, há seis regiões harmônicas, todas com um caráter e uma estrutura gestual e rítmica específicos. Ainda que elas se repitam na mesma ordem ao longo da peça, passam por constantes variações. Lindberg não está interessado apenas em estabelecer momentos intrigantes, um depois do outro. Ele quer que suas criações tenham uma lógica subjacente, sejam coesas. Uma estrutura bem construída é necessária para dar liberdade à fantasia criativa do compositor.

Mesmo sendo tocado num contínuo de 25 minutos, o *Concerto* se divide, como os concertos de Mozart, em três movimentos. O primeiro é o mais longo e exibe os diferentes aspectos do material básico. O tema principal da peça vem à tona mais claramente no início do segundo movimento, quando a seção de madeiras toca, em uníssono e usando três oitavas, um coral que soa arcaico. O movimento é lento, embora tenha também algo de inquietação. A cadência solo aparece depois do clímax da orquestra ao final desse movimento e, junto com o baixo, leva ao movimento mais rápido. O *finale* começa como um *scherzo* divertido e se acelera por meio de uma seção de percussão que lembra uma máquina. A aceleração atinge um ponto em que os elementos cinéticos da música desaparecem e só uma superfície tranquila permanece perceptível. O *Concerto* termina com um grandioso retorno do coral arcaico do início do segundo movimento.

RISTO NIEMINEN é mestre em Musicologia e Literatura pela Universidade de Helsinque, foi diretor artístico do Ircam e atualmente é diretor do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Nota de 2006, republicada sob autorização. Tradução de Rogério Galindo.

SUGESTÕES DE LEITURA

Charles Rosen
THE CLASSICAL STYLE: HAYDN, MOZART, BEETHOVEN
W. W. NORTON & COMPANY, 1998

Glenn Stanley (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO BEETHOVEN
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2000

Risto Nieminen (ed.)
MAGNUS LINDBERG (LES CAHIERS DE L'IRCAM: COMPOSITEURS D'AUJOURD'HUI)
IRCAM/CENTRE GEORGES POMPIDOU, 1993

R. Larry Todd
MENDELSSOHN: A LIFE IN MUSIC
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2005

INTERNET

WWW.LVBEETHOVEN.COM
WWW.BEETHOVEN-HAUS-BONN.DE
WWW.FELIXMENDELSSOHN.COM

"Um paisagista de primeira ordem", escreveu Richard Wagner sobre Felix Mendelssohn-Bartholdy. Quando Mendelssohn viajou pela Escócia, em 1829, anotou alguns esboços para uma futura composição, inspirado pelos panoramas agrestes que descobria. No entanto, demorou 13 anos para terminá-la. Antes disso, escreveu outra obra muito célebre inspirada no mundo escocês, a abertura *As Hébridas*, também conhecida como *A Gruta de Fingal.*

Sua *Sinfonia nº 3 - Escocesa*, porém, era muito mais ambiciosa. Mendelssohn queria, como afirmou, "traduzir o ambiente das brumas escocesas", mas os resultados não o satisfaziam. Voltou várias vezes à partitura: "Essa sinfonia foge de mim exatamente quando penso que a agarrei", escreveu. O compositor alemão, impregnado dos romances de Walter Scott, concebe uma Escócia romântica, em que a vertigem dos penhascos grandiosos e dos panoramas marinhos se mistura com o som de gaitas de fole. Não se trata, porém, de música descritiva: aflora nela uma nostalgia que sonha com esses locais poéticos. Mendelssohn tocava os movimentos sem interrupção, para que a magia sugestiva não fosse entrecortada.

Dedicou sua *Sinfonia* à jovem rainha Vitória, que, após o grande sucesso obtido pela peça em Londres, recebeu o compositor em sua corte. A obra não aparenta o trabalho lento e laborioso que exigiu; ao contrário, parece surgir de uma inspiração exuberante, rica das mais belas e espontâneas invenções poéticas.

[2009]

JORGE COLI é professor na área de História da Arte e da Cultura na Unicamp e autor de *A Paixão Segundo a Ópera* (Perspectiva, 2003).

OSMO VÄNSKÄ REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MARÇO DE 2013

Nascido em Sääminki, na Finlândia, Osmo Vänskä — clarinetista por formação — estudou regência sob orientação de Jorma Panula. Em 1988, assumiu a direção musical da Orquestra Sinfônica de Lahti, que se tornou, sob sua liderança, uma das mais importantes da Finlândia. Desde 2003, Vänskä é diretor musical da Orquestra de Minnesota. Como regente convidado, dirigiu várias das orquestras mais eminentes do mundo, como a Orquestra Nacional da França, a Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdã e a Sinfônica de Chicago, sem falar na Osesp. Em 2001, recebeu o prêmio da Royal Philharmonic Society. Sua gravação das *Sinfonias nº 1* e *nº 4*, de Sibelius (BIS, 2013), recebeu o prêmio Grammy.

PATRICIA KOPATCHINSKAJA VIOLINO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida na Moldávia, filha de pais músicos, Patricia Kopatchinskaja estudou composição e violino em Viena e em Berna. Já se apresentou com as filarmônicas de Viena, Berlim, Londres e da Radio France, as sinfônicas da Rádio de Stuttgart e da Rádio da Baviera, com maestros como Vladimir Jurowski, *Sir* Roger Norrington, Teodor Currentzis, Sakari Oramo e Péter Eötvös. É fundadora do quarteto de cordas quartet-lab e se apresenta regularmente em formações de câmara, ao lado de instrumentistas como Sol Gabetta, Markus Hinterhäuser e Polina Leschenko. Kopatchinskaja toca num violino feito por Giovanni Francesco Pressenda, em 1834.

Compartilhar conhecimento é o que sabemos fazer melhor

A Deloitte é referência em consultoria e auditoria no Brasil e no mundo, resultado do talento em encontrar as melhores soluções de negócio para seus clientes e de seu compromisso com a sociedade.

Por isso, incentivamos o desenvolvimento da cultura nacional por meio da música. Deloitte, patrocinadora da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

www.deloitte.com.br

Deloitte.

©2015 Deloitte Touche Tohmatsu Limited. Todos os direitos reservados.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

JANET LEIGH EM CENA DE *PSICOSE*, DE ALFRED HITCHCOCK

14 QUI 21H CARNAÚBA
15 SEX 21H PAINEIRA
16 SÁB 16H30 IMBUIA

STÉPHANE DENÈVE REGENTE

JOHN WILLIAMS [1932]
Contatos Imediatos de Terceiro Grau: Suíte [1977]
8 MIN

BERNARD HERRMANN [1911-75]
Um Corpo Que Cai: Suíte [1958]
10 MIN

JOHN WILLIAMS [1932]
A Menina Que Roubava Livros: Suíte [2013]
8 MIN

BERNARD HERRMANN [1911-75]
Psicose: Suíte [1960]
6 MIN
(Attacca)
Intriga Internacional: Tema [1959]
4 MIN

HECTOR BERLIOZ [1803-69]
Sinfonia Fantástica, Op.14 [1830]
- Réveries - Passions [Devaneios - Paixões]
- Un Bal [Um Baile]
- Scène Aux Champs [Cena Campestre]
- Marche au Supplice [Marcha Para o Cadafalso]
- Songe d'Une Nuit de Sabbat [Sonho de Uma Noite de Sabá]
49 MIN

ENTREVISTA COM STÉPHANE DENÈVE

Como surgiu a ideia para este programa?

Tudo partiu de Berlioz. Sua música, sobretudo a *Sinfonia Fantástica*, sempre me transmite a impressão de que ele é uma espécie de inventor do cinema, quase 70 anos antes dos irmãos Lumière. Sua escrita é muito imaginativa e, como regente, sempre tenho ideias para cenas cinematográficas quando trabalho com suas composições. Por isso, pensei propor um programa que misturasse música de filme e a *Sinfonia Fantástica*.

E por que a escolha desses dois compositores, John Williams e Bernard Herrmann?

São certamente dois dos mais geniais compositores que já trabalharam para a indústria do cinema, mas é também uma escolha muito pessoal. Conheci John Williams em 2007, na Califórnia, numa de minhas visitas para reger a Filarmônica de Los Angeles. Houve um concerto promovido por Steven Spielberg, não lembro ao certo a circunstância, e Williams regeu, com a mesma Filarmônica, a trilha de Bernard Herrmann para *Um Corpo Que Cai*, de Hitchcock, além de obras suas. Fiquei muito impressionado com essa interpretação, que destacava o potencial da música para além de sua notável "eficiência" como trilha para o filme de Hitchcock.

Nessa ocasião, conversamos sobre Bernard Herrmann, que John conheceu pessoalmente e a quem admira muito. Podemos dizer que assim foi plantada a semente deste programa. Depois daquela ocasião em 2007, tive várias oportunidades de estar com John Williams. Trabalhamos juntos algumas vezes, visitei sua casa, conversamos muito.

Ele me mostrou seus manuscritos anotados, aquelas partituras que na música de cinema chamam de *cue sheet* [folha guia], e é um trabalho realmente impressionante. Há um registro de tudo o que acontece no filme, segundo após segundo, de maneira a permitir que a construção musical alcance o nível de sutileza que conhecemos nessas grandes obras-primas do cinema — que conhecemos como espectadores, mas sem ter a consciência da profundidade e da seriedade do trabalho envolvido, um trabalho "wagneriano", tanto na dimensão quanto no cuidado com o detalhe e no trato com os *leitmotivs*.

John é um compositor pelo qual tenho paixão, um artista incrível, capaz de criar as emoções mais intensas.

A música tem um papel muito especial em Contatos Imediatos de Terceiro Grau*, de Spielberg.*

Essa trilha começa como uma espécie de peça de vanguarda, com efeitos de *cluster*, efeitos sonoros que lembram as experimentações dos anos 1960. Subitamente, nasce aquele inesquecível tema *[cantarola: ré mi dó, dó sol]*. No filme, essa melodia permite que se estabeleça contato entre os terráqueos e os visitantes do espaço — o fim do filme é apaixonado, cheio de esperança.

Também há aqui uma relação com a *Sinfonia Fantástica*, uma vez que esse tema funciona como uma "ideia fixa" — aliás, na mesma tonalidade e com características próximas das da célebre "ideia fixa" da peça de Berlioz. A composição de Williams é certamente uma das grandes obras-primas da história da música para cinema.

Não deixa de ser curioso que Williams, um francófono, tenha se tornado amigo do cineasta François Truffaut, que participa como ator do filme de Spielberg. Como todos sabem, Truffaut era um grande admirador de Hitchcock e é autor de um maravilhoso livro de entrevistas com o mestre britânico. Na esteira dessa admiração, Truffaut convidou Bernard Herrmann para escrever a música de dois de seus filmes: *Fahrenheit 451* e *A Noiva Estava de Preto*.

A Menina Que Roubava Livros *é um filme bem mais recente. Williams recebeu um Grammy pela música original, mas é uma peça menos conhecida.*

Há dois ou três anos, assisti a um concerto de Williams no Festival de Tanglewood, onde há tempos participo da série "Tanglewood on Parade". Ele regeu sua recém-composta trilha para *A Menina Que Roubava Livros*. A música era belíssima, foi muito emocionante vê-lo apresentando uma criação recente (eu mesmo não havia visto o filme). Minutos depois do concerto, fui vê-lo no camarim e toquei ao piano alguns trechos do que havíamos acabado de ouvir. Williams ficou muito impressionado que eu tivesse retido tanto da música em apenas uma audição, foi um momento bonito. A peça é emocionante, algo mahleriana, enfim: belíssima.

Bernard Herrmann colaborou com Hitchcock em vários filmes. Por que a escolha de Psicose, Um Corpo Que Cai *e* Intriga Internacional*?*

Essas trilhas compartilham certa intensidade, um lado meio *bad trip*, que encontramos também em algumas passagens da *Sinfonia Fantástica*. O cinema de suspense aproveita muito desse potencial inquietante e assustador que a música pode ter. Aliás, em minha opinião, o tema de *Intriga Internacional* lembra bastante a "Marcha Para o Cadafalso", da *Sinfonia Fantástica*.

De maneira geral, tanto em Berlioz quanto em Herrmann e Williams, é recorrente o aproveitamento de certas tensões e dissonâncias para criar efeitos impressionantes, com grande apelo visual. Pensemos na música da cena mais conhecida de *Psicose*, quando Janet Leigh é atacada no chuveiro. O material musical é muito simples, não há quase nada, um glissando nas cordas, no registro agudo, o intervalo de nona menor. Há uma grande singularidade na orquestração, que ressalta o caráter estranho da passagem.

Isso dito, os três compositores exploram magistralmente as possibilidades, cada um à sua maneira. E é isso que faz com que a música deles seja imediatamente reconhecível.

Você regeu a Sinfonia Fantástica *diversas vezes em sua carreira. Como sua visão pessoal sobre a obra e sua interpretação evoluíram ao longo dos anos?*

Penso que a força da peça está no equilíbrio tenso entre duas dimensões: seu caráter romântico, talvez mesmo clássico, e a vigorosa imaginação de Berlioz, que aqui se mostra visionária. É uma peça que deve muito a Beethoven, e também a Weber, mas que antecipa procedimentos estéticos que só se tornariam corrente no século XX, como efeitos sonoros e rupturas extraordinárias.

Enfatizar demais os efeitos sonoros e visuais pode transmitir a impressão de uma obra apenas decorativa. Por outro lado, uma leitura muito "prudente" corre o risco de se tornar algo tediosa. A boa interpretação deve ser capaz de manter esses dois aspectos presentes: uma moldura beethoveniana com a profundidade clássica, mas sem temer embarcar numa viagem fantástica.

E que tal voltar a São Paulo?

Estou muito contente. A orquestra é ótima, a sala é simplesmente maravilhosa e a direção artística demonstra uma notável abertura para a criação e a contemporaneidade. Basta dizer que este programa é uma estreia. Sempre quis apresentar a *Sinfonia Fantástica* ao lado de música de cinema, tanto para chamar a atenção para os aspectos inovadores da obra de Berlioz quanto para realçar a qualidade de compositores como John Williams e Bernard Herrmann.

Frequentemente, a música de cinema é considerada algo menor. Entendo que hoje as melhores trilhas de filme fazem parte do repertório sinfônico, podem e devem ser programadas nos concertos das grandes orquestras. Acredito também que, quando essa música é tocada e ouvida sem as imagens para as quais foi originalmente utilizada, é possível e desejável propor maneiras diferentes de interpretá-la, reforçando dimensões que não tinham tanta relevância quando a questão era sua funcionalidade no contexto do filme.

Entrevista a RICARDO TEPERMAN.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

HERRMANN

THE FILM SCORES

Orquestra Filarmônica de Los Angeles

Esa-Pekka Salonen, regente

SONY CLASSICAL, 1996

WILLIAMS

THE MUSIC OF JOHN WILLIAMS: THE DEFINITIVE COLLECTION [6 CDS]

Orquestra Filarmônica de Praga

Paul Bateman, regente

Nic Raine, regente

Mario Klemens, regente

SILVA AMERICA, 2012

BERLIOZ

SYMPHONIE FANTASTIQUE

Orquestra Nacional da Rádio França

Sir Thomas Beecham, regente

EMI CLASSICS, 2003

SYMPHONIE FANTASTIQUE; TRISTIA

Orquestra e Coro de Cleveland

Pierre Boulez, regente

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1997

Em 1830, três obras revolucionárias marcaram o triunfo do movimento romântico na França: *Hernani*, de Victor Hugo, peça teatral que desencadeou a batalha entre "clássicos" e "românticos"; *A Liberdade Guiando o Povo*, tela de Eugène Delacroix, alegoria pictórica da luta pela liberdade e pela República; e a *Sinfonia Fantástica*, de Hector Berlioz, que subverteu a música da época e influenciou Liszt e Wagner, mas também os compositores do Grupo dos Cinco na Rússia, entre tantos outros.

Até hoje, a liberdade formal, as invenções orquestrais e o alcance simbólico da obra não deixam de impressionar. Leonard Bernstein chegou a dizer que ela é a primeira obra "psicodélica" da história da música.

A primeira apresentação da *Sinfonia Fantástica* foi em 5 de dezembro de 1830, em Paris, na sala do Conservatório. Depois, enquanto passava uma temporada na Villa Medici, em Roma, Berlioz modificou alguns movimentos — em especial o terceiro, que foi totalmente reescrito. Dois anos depois, em 9 de dezembro, a *Sinfonia Fantástica* era novamente apresentada em Paris.

O sucesso foi considerável. No evento, estavam presentes todas as "estrelas" do meio artístico parisiense: Frédéric Chopin, Alexandre Dumas, Théophile Gautier, Victor Hugo, Franz Liszt, Niccolò Paganini e também a romancista George Sand. A *Sinfonia* colocava Berlioz entre os maiores compositores de seu tempo — e ele ainda não tinha 30 anos.

É difícil hoje entender como um rapaz da pequena burguesia provinciana em poucos anos conseguiu se firmar ao mesmo tempo como um continuador de Beethoven e como o inventor da orquestra moderna. Principalmente porque antes dos 18 anos e da chegada a Paris para estudar medicina, a formação musical de Berlioz era das mais modestas: algumas aulas de flauta e violão, nada mais. Mas essa juventude "pastoral" talvez tenha sido justamente a matriz de sua obra extraordinária.

O Dauphiné, lugar de origem de Berlioz, com suas paisagens alpinas, seus costumes e sons, histórias e lendas, é a terra nutriz do imaginário do compositor. Seria possível até adivinhar que nela se inspirou o texto programático apresentado por Berlioz para os cinco movimentos da *Sinfonia Fantástica* (evidentemente como complemento das usuais referências à literatura romântica). Analisemos cada uma das cinco anotações do compositor:

"Devaneios — Paixões". *Um jovem músico é agitado por suas paixões...*

A passagem remete ao jovem Hector, adolescente de 12 anos, apaixonado pela bela Estelle, que se tornará sua "ideia fixa" ("ideia fixa" é também o nome do famoso motivo melódico que aparece ao longo de toda a sinfonia).

"Um Baile". *O jovem herói se encontra no "tumulto de uma festa"...*

Em sua correspondência com as irmãs, Berlioz se refere ao baile de sua aldeia natal. A ideia de um "baile campestre" também aparece em seu comentário à *Sinfonia nº 6 - Pastoral*, de Beethoven, que ele tanto admirava.

"Cena Campestre". *Sempre em sua agitação amorosa, o jovem ouve a canção dos pastores, "quando vem de Genebra"...*

Jean-Jacques Rousseau também notara o canto dos pastores suíços, presentes no Dauphiné durante a infância de Berlioz. Aliás, entre a propriedade rural da família e a leitura de Virgílio por seu pai, Louis, Berlioz não ignorava a poesia do mundo agrícola.

"Marcha Para o Cadafalso". *O herói, intoxicado pelo ópio, vê em delírio uma marcha para o cadafalso depois de matar a amada.*

Um dos últimos supliciados da história da França foi o bandido Mandrin, originário da aldeia vizinha. Esse homem enfrentara o avô de Berlioz em dois processos. Quanto ao ópio, o médico Louis Berlioz, pai do compositor, tinha acesso a ele e o usava.

"Sonho de Uma Noite de Sabá". *O jovem se vê no sabá, "no meio de uma turba medonha de espectros, feiticeiros e monstros".*

Os sabás, cerimônias de bruxaria, com suas figuras assustadoras e fantásticas, ainda existiam na França (e notadamente na região onde nasceu Berlioz).

Assim, com a *Sinfonia Fantástica*, Berlioz subverte as regras da música, inaugura a orquestra moderna, brinca com formas, timbres e ritmos, bem como com a estrutura musical que, tornando-se narrativa, comporta um programa literário, obra de ficção romântica e delírio autobiográfico. Incontestavelmente, essa tentativa de levar a sinfonia em direção a uma "obra de arte total" é (e continuará sendo!) fantástica.

BRUNO MESSINA é diretor do Festival Berlioz. Tradução de Ivone Benedetti.

SUGESTÕES DE LEITURA

Steven C. Smith
A HEART AT FIRE'S CENTER: THE LIFE AND MUSIC OF BERNARD HERRMANN
UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 2002

François Truffaut
HITCHCOCK/TRUFFAUT: ENTREVISTAS
COMPANHIA DAS LETRAS, 2004

Hector Berlioz
MÉMOIRES
FLAMMARION, 2010

INTERNET

WWW.BERNARDHERRMANN.ORG
WWW.JOHNWILLIAMS.ORG
WWW.HBERLIOZ.COM

STÉPHANE DENÈVE REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MAIO DE 2013

Nascido em 1971, o maestro francês Stéphane Denève graduou-se pelo Conservatório de Paris. Começou como assistente de *Sir* Georg Solti na Orquestra de Paris e na Ópera Nacional de Paris, e trabalhou ainda com Seiji Ozawa e Georges Prêtre. É regente convidado principal da Orquestra da Filadélfia desde o ano passado e, a partir de setembro, regente titular da Filarmônica de Bruxelas. É também regente principal da Orquestra Sinfônica da Rádio de Stuttgart (SWR), cargo que ocupa desde que deixou a direção musical da Orquestra Nacional Real Escocesa, em 2012. Já se apresentou no Carnegie Hall, com a Sinfônica de Boston, e regeu também orquestras como a Real do Concertgebouw de Amsterdã, as filarmônicas de Los Angeles e Munique, e as sinfônicas de Chicago, Boston, São Francisco, Londres e Nacional da Alemanha, sem falar na Osesp. Com a Orquestra Nacional Real Escocesa, gravou obras de Roussel, Franck e Connesson. Com a gravação de Debussy, pelo selo Chandos, ganhou o Diapason d'Or de 2012.

CREDIT SUISSE

Qual o som do compromisso com a música?

O Credit Suisse também ouve atentamente, quando se trata de música clássica.
É por isso que somos, com muito orgulho, patrocinadores da OSESP.

credit-suisse.com/sponsoring

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

A PRAIA DE IRACEMA EM FORTALEZA (CE)

19 TER 21H RECITAIS OSESP

ÉRIC LE SAGE PIANO
FRANK BRALEY PIANO

ROBERT SCHUMANN [1810-56]
Seis Estudos em Forma de Cânone, Op.56 [1845]
- Nicht zu Schnell [Não Muito Rápido]
- Mit Innigem Ausdruck [Com Bastante Expressão]
- Andantino
- Innig [Expressivo]
- Nicht zu Schnell [Não Muito Rápido]
- Adagio

22 MIN

CLAUDE DEBUSSY [1862-1918]
La Mer [O Mar] [1903-5]
- De l'Aube à Midi Sur la Mer [Da Alvorada ao Meio-dia no Mar]
- Jeux de Vagues [Jogo Das Ondas]
- Dialogue du Vent et de la Mer [Diálogo do Vento e do Mar]

24 MIN

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-91]
Sonata Para Dois Pianos em Ré Maior, KV 448 [1781]
- Allegro Con Spirito
- Andante
- Allegro Molto

24 MIN

FRANCIS POULENC [1899-1963]
Sonata Para Dois Pianos [1953]
- Prologue: Extremement Lent et Calme
- Allegro Molto - Très Rythmé
- Andante Lyrico - Lentement
- Epilogue: Allegro Giocoso

19 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

SCHUMANN

COMPLETE WORKS FOR PIANO 4-HANDS
András Schiff, piano
Peter Frankl, piano
VOX, 1992

DEBUSSY

2 PIANOS & 4 MAINS
Philippe Cassard, piano
François Chaplin, piano
DECCA, 2012

PIANO 4 HANDS
Joseph Tong, piano
Waka Hasegawa, piano
QUARTZ, 2007

MOZART

WERKE FÜR ZWEI KLAVIERE, VOL. 2
Dena Piano Duo
2L, 2009

THE MUSIC FOR PIANO DUET
Christoph Eschenbach, piano
Justus Frantz, piano
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1999

POULENC

SONATA FOR 2 PIANOS
Alexander Tamir, piano
Bracha Eden, piano
DECCA, 1997

Depois da estreia de *La Mer* [O Mar], em outubro de 1905, o crítico M. D. Calvocoressi julgou reconhecer "uma nova fase na evolução do sr. Debussy: a inspiração da obra é mais viril, suas cores mais francas, seus contornos mais acentuados".[1]

Mais de um século depois desse comentário, ideias como "virilidade" e "franqueza" ainda nos parecem algo alheias à música de Debussy; o tom evanescente do *Prelúdio Para a Tarde de um Fauno* (1894) continua a predominar na imagem que temos do compositor.

Embora *La Mer* seja uma obra tipicamente debussyana na sua capacidade de evocar efeitos de água, de sol, de sombra e de luz, chama de fato a atenção que o primeiro e o terceiro de seus movimentos não recusem a retórica sinfônica do final de efeito, harmonicamente satisfatório e conclusivo.

Essa dicção impetuosa — e mesmo violenta — haverá de ser notada com mais facilidade numa transcrição para dois pianos. Ainda que se percam as cintilações e as voragens da grande orquestra, sobressai na audição o que há de rigoroso, de arquitetado, numa obra tão fluente e persuasiva. O recurso quase obsessivo a motivos breves, de quatro notas, não mais se cobre das pedrarias da orquestra. Torna-se mais nítida, sem dúvida, a montagem desse quebra-cabeça, desse dominó em que frases se levantam do grave ao agudo e recaem para o grave, num movimento de espelho, como ondas que se formam e quebram em sucessão.

Elementos circulares, em sobe e desce, ao lado de finalizações efetivas, resolvendo tensões de uma vez por todas: *La Mer* concilia, na verdade, duas tendências na música sinfônica francesa do início do século XX. Tratava-se de enfrentar a herança da "forma cíclica" — a grande obra nascida de uma célula única, na lição de Liszt aproveitada por César Franck, Camille Saint-Saëns e Vincent d'Indy — e a tradição francesa da música de balé, com seus "quadros", personagens, aparições, vinhetas e volteios.

Entre sinfonia e dança, entre a transfiguração dos temas e o frêmito das repetições, entre correnteza e brisa, *La Mer* surge como uma obra sem paralelo, milagre de coerência e instabilidade, de estrutura e de capricho.

---

1. *Apud* CHARTON, Ariane. *Debussy*. Paris: Gallimard, 2012, p. 212.

Os *Seis Estudos em Forma de Cânone*, de Robert Schumann, provêm de um período (os anos de 1844-5) em que o compositor se debruçou sobre a técnica de contraponto de Bach. O uso do cânone, escrita em que duas ou mais vozes se imitam bem de perto, não resulta — nas mãos de um poeta como Schumann — em aridez acadêmica. O encanto dessas peças, originalmente escritas para um piano, ao qual se adaptava um segundo teclado a ser acionado com os pés, não passou despercebido a Debussy, que as transcreveu para dois pianos. A primeira peça, lembrando as invenções a duas vozes de Bach, não terá também, nessa leitura debussyana, um quê do "Doctor Gradus ad Parnassum", a primeira página de *Children's Corner*, do compositor francês?

Foram muitas as composições de Mozart para um único instrumento de teclado a quatro mãos. Para dois pianos, entretanto, o catálogo Köchel registra apenas esta irresistível e vivíssima *Sonata em Ré Maior*, KV 448, de 1781, e a complexa e grave *Fuga em Dó Menor*, KV 426, bem ao estilo de Bach. Talvez por essa vizinhança, o musicólogo Alfred Einstein considera que "essa sonata aparentemente superficial e deliciosa traz a marca das obras mais profundas que Mozart jamais compôs".[2] Profunda? Outro crítico, Arthur Hutchings, não vê razão para esse adjetivo; de fato, esta é uma obra extrovertida, liberando disposição por todos os poros.[3]

Superficial ou profundo? A oscilação vem sempre à baila quando se fala de Francis Poulenc. Terminada em 1953, a *Sonata Para Dois Pianos* faz conviverem, sem muitos extremos, o lado gaiato e o lado místico do compositor. Seu terceiro movimento, "Andante Lyrico", seria para Poulenc o coração de toda a *Sonata*; em sua compostura e nobreza (menos neoclássicas, talvez, do que *art déco*), podemos ver algo do espírito presente na ópera *Diálogos Das Carmelitas*, obra-prima de dramaticidade composta na mesma época. No segundo movimento, está o lado mais vivo e provocativo de Poulenc. Um piscar de olhos, quem sabe, para a feliz motricidade de Mozart no KV 448?

"Tirando Mozart, Debussy é meu compositor preferido", disse Poulenc numa entrevista.[4] Adorava Schumann também; neste concerto, as afinidades se cruzam, de século a século, de um piano a outro.

MARCELO COELHO é colunista do jornal *Folha de S.Paulo*.

2. Einstein, Alfred. *Mozart*. Paris: Gallimard, 1991 [1953], p. 347.

3. Hutchings, Arthur. "La Musique de Clavier". *In*: Robbins Landon, Howard Chandon e Mitchell, Donald (orgs.). *Initiation à Mozart*. Paris: Gallimard, 1959.

4. Poulenc, Francis. *J'Écris ce Qui me Chante*. Paris: Fayard, 2011.

SUGESTÕES DE LEITURA

Beate Perrey (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHUMANN
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2007

Ariane Charton
DEBUSSY
GALLIMARD, 2012

Charles Rosen
THE CLASSICAL STYLE: HAYDN, MOZART, BEETHOVEN
W. W. NORTON & COMPANY, 1998

Richard D. E. Burton
FRANCIS POULENC
ABSOLUTE, 2003

INTERNET

WWW.ROBERTSCHUMANN.ES
WWW.DEBUSSY.FR
WWW.DEBUSSYPIANO.COM
WWW.MOZARTPROJECT.ORG
WWW.POULENC.FR

ÉRIC LE SAGE PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Aix-en-Provence, o pianista francês Éric Le Sage formou-se no Conservatório de Paris e especializou-se com Maria Curcio, em Londres. Em 1990, obteve o terceiro lugar na Competição Internacional de Leeds. Já se apresentou em salas como Carnegie Hall (Nova York), Concertgebouw (Amsterdã), Philharmonie (Colônia), Salle Pleyel (Paris) e Suntory Hall (Tóquio). Apresenta-se regularmente com as orquestras de Filadélfia, as sinfônicas de Toronto e NHK, de Tóquio, e as filarmônicas de Los Angeles, Roterdã e da Radio France, com maestros como Stéphane Denève, Louis Langrée, Michel Plasson, Michael Stern e *Sir* Simon Rattle.

FRANK BRALEY PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Corbeil-Essonnes, o pianista francês Frank Braley formou-se no Conservatório de Paris, com Pascal Devoyon, Christian Ivaldi e Jacques Rouvier. Em 1991, recebeu o primeiro prêmio e o prêmio do público no Concurso Internacional Rainha Elizabeth da Bélgica. Já se apresentou com maestros como Charles Dutoit, Marek Janowski e Kurt Masur, e em formações de câmara ao lado de instrumentistas como Emmanuel Pahud, Maria João Pires, Mischa Maisky, Renaud Capuçon e Gautier Capuçon. Realizou diversas gravações para os selos Harmonia Mundi e Virgin Classics.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

OSESP 2015 ITINERANTE

A MÚSICA CLÁSSICA POR TODO O ESTADO DE SÃO PAULO

NATÁLIA KIKUCHI

CONCERTOS GRATUITOS

CORO DA OSESP

MAIO

13 QUA 20H30 - GUARUJÁ

IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DE FÁTIMA E SANTO AMARO

16 SÁB 20H - SANTANA DE PARNAÍBA

PARÓQUIA DE SANT'ANA

Mais informações: osesp.art.br

Programação sujeita a alterações

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

CORREALIZAÇÃO

Sesc

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

GENE KELLY EM CENA DE *UM AMERICANO EM PARIS*, DE VINCENTE MINNELLI

21 QUI 21H JACARANDÁ
22 SEX 21H PEQUIÁ
23 SÁB 16H30 IPÊ

STÉPHANE DENÈVE REGENTE
ÉRIC LE SAGE PIANO
FRANK BRALEY PIANO

DARIUS MILHAUD [1892-1974]
A Criação do Mundo, Op.81a [1923]
- Abertura: Modéré
- I. Le Chaos Avant La Création [O Caos Antes da Criação]
- II. La Naissance de la Flore et de la Faune [O Nascimento da Flora e da Fauna]
- III. La Naissance de l'Homme et de la Femme [O Nascimento do Homem e da Mulher]
- IV. Le Désir [O Desejo]
- V. Le Printemps ou l'Apaisement [A Primavera ou o Apaziguamento]

16 MIN

FRANCIS POULENC [1899-1963]
Concerto Para Dois Pianos em Ré Menor [1932]
- Allegro ma Non Troppo
- Larghetto
- Allegro Molto

20 MIN

FRANCIS POULENC [1899-1963]
Les Biches: Suíte [As Corças] [1922-3]
- Rondeau
- Adagietto
- Rag-Mazurka
- Andantino
- Finale

16 MIN

GEORGE GERSHWIN [1898-1937]
Um Americano em Paris [1928]
20 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

MILHAUD

LA CRÉATION DU MONDE
Orquestra Sinfônica de Boston
Charles Munch, regente
RCA VICTOR, 1979

LA CRÉATION DU MONDE; LE BOEUF SUR LE TOIT; SAUDADES DO BRASIL
Orquestra Nacional da França
Leonard Bernstein, regente
EMI CLASSICS, 2006

POULENC

STABAT MATER; LES BICHES
SWR Vokalensemble Stuttgart
NDR Chor
Orquestra Sinfônica da Rádio de Stuttgart
Stéphane Denève, regente
HÄNSSLER CLASSIC, 2013

CONCERTO POUR 2 PIANOS; CONCERTO POUR PIANO; AUBADE
Orquestra Filarmônica de Liège
Stéphane Denève, regente
Éric Le Sage, piano
Frank Braley, piano
RCA, 2004

CONCERTO POUR DEUX PIANOS
Orchestre de la Société des Concerts du Conservatoire
Pierre Dervaux, regente
Francis Poulenc, piano
Jacques Février, piano
EMI CLASSICS, 2009

GERSHWIN

RHAPSODY IN BLUE; AN AMERICAN IN PARIS
Orquestra Filarmônica de Nova York
Leonard Bernstein, piano e regente
SONY CLASSICAL, 1990

Na primeira parte de *A Criação do Mundo*, de Darius Milhaud, logo após a "Abertura", uma sequência rítmica criada por um *cluster* de piano e instrumentos de percussão acentua repetitivamente o tempo fraco do compasso. Sob essa base, solistas (em ordem: contrabaixo, trombone, saxofone, clarinete e trompete) desenvolvem um motivo melódico curto e sincopado em torno de um intervalo característico para o ouvinte mais familiar à música popular: a *blue note* (tecnicamente falando, a terça e a sétima da escala bemolizadas em choque com a terça e a sétima naturais). Gradualmente, os solistas passam a executar simultaneamente variações do motivo inicial, criando, assim, um emaranhado de vozes. Milhaud nomeou esta primeira parte da peça, escrita num único movimento, como "O Caos Antes da Criação". Revelador e sintomático: o caos está associado à vibração rítmica e à polifonia de vozes que insistem naquelas notas "fora" da escala tradicional da música europeia.

Segundo o compositor, nas memórias registradas no livro *Notes Sans Musique* (1949), esta peça foi composta em seu retorno à França, depois de um período de residência nos Estados Unidos. O pintor Fernand Léger e o poeta Blaise Cendrars lhe propuseram a criação de um balé inspirado numa história folclórica africana que eles conheceram num livro genérico de antologia "negra". Mais do que isso, os dois levaram Milhaud para conhecer um aspecto de Paris que ele ignorava: a simultaneidade das diferentes danças que a cidade proporcionava. No entorno do bairro de Belleville, o compositor descobriu os pequenos cafés com grupos musicais formados por acordeão e clarinete (ou pistão ou violino), em que homens vestidos com camisas coloridas dançavam alegremente com jovens moças. Um grande contraste com a região atrás da Bastilha, onde os *auvergnats* de Paris [migrantes responsáveis por pequenos serviços] ainda dançavam a *bourrée* ao som da antiga viela medieval. Sem falar que, ao mesmo tempo, os antilhanos da rua Blomet sacolejavam com suas mulheres, ornadas pelos tradicionais *madras* [lenços de cabelo coloridos do Caribe], um ritmo visceralmente associado às suas ilhas e palmeiras. Para Milhaud, esses estímulos tiveram um efeito certeiro: "*A Criação do Mundo* enfim me

ofereceu a ocasião de usar os elementos de *jazz* que havia estudado dedicadamente; organizei minha orquestra como as do Harlem, com 17 músicos solistas, e utilizei o estilo do *jazz* sem reservas, misturado com um sentimento clássico".[1]

O tal motivo melódico em torno da *blue note* foi consagrado na linguagem musical do compositor norte-americano George Gershwin, alguns anos depois de Milhaud, pela difusão no repertório sinfônico internacional das peças *Rhapsody in Blue* (1924) e *Um Americano em Paris* (1928). Ironicamente, hoje em dia esse motivo soa na peça de Milhaud como um fraseado gershwiniano *avant la lettre*. Mas não podemos perder do horizonte que os dois estavam bebendo na mesma fonte — o *jazz* de Nova Orleans e Chicago, que vinha se consolidando como linguagem musical derivada dos cantos de trabalho escravo dos negros norte-americanos, do *spiritual* protestante e do *ragtime*. Mas Milhaud e Gershwin tinham experiências e pontos de vista diferentes. O primeiro vinha de uma Europa que procurava novos elementos musicais para a inspiração de uma música clássica, em certa medida saturada por sua própria história. Gershwin buscava na música clássica europeia formas sinfônicas para desenvolver uma música híbrida do novo mundo, com os sons que se fazia nas ruas.

Um Americano em Paris é uma peça com forte apelo descritivo. O compositor procurou, como sugere o título, traduzir as impressões desse homem do novo mundo no velho mundo. Nesse sentido, a força melódica que vem de gêneros como o *ragtime*, o *charleston*, o *blues* e o *jazz* vira o centro condutor das peripécias desse *voyeur* americano. Mas, se em Milhaud a mistura do sentimento "clássico" com o *jazz* trouxe certa melancolia em sua "criação do mundo", em Gershwin essa mistura é mais eufórica. A peça inspirou o filme homônimo, de 1951, produzido em Hollywood, com Gene Kelly como astro, e *Um Americano em Paris* se tornou um clássico popular.

1. Milhaud, Darius. *Notes Sans Musique*. Paris: Julliard, 1949, p. 53.

SUGESTÕES DE LEITURA

Manoel Corrêa do Lago
O CÍRCULO VELOSO-GUERRA E DARIUS MILHAUD NO BRASIL
RELER, 2010

Darius Milhaud
NOTES SANS MUSIQUE
JULLIARD, 1949

Richard D. E. Burton
FRANCIS POULENC
ABSOLUTE, 2003

Charles Schwartz
GEORGE GERSHWIN: UMA BIOGRAFIA
JOSÉ OLYMPIO, 1993

Walter Rimler
GEORGE GERSHWIN: AN INTIMATE PORTRAIT
UNIVERSITY OF ILLINOIS PRESS, 2009

INTERNET

WWW.POULENC.FR
WWW.GERSHWIN.COM

É absolutamente plausível então dizer que *A Criação do Mundo* e *Um Americano em Paris* se coadunam e se contradizem, tanto na singularidade de seus estilos como na questão cultural mais ampla, que diz respeito às relações entre Europa e Américas.

Francis Poulenc fez parte de um grupo de franceses do começo do século XX, com Blaise Cendrars, Fernand Léger e Jean Cocteau, entre outros, que ampliaram os horizontes culturais europeus buscando os sons e os sentidos de "outras" artes do mundo. No caso particular da música, Poulenc e Milhaud, juntamente com Georges Auric (1899-1983), Louis Durey (1888-1979), Arthur Honegger (1892-1955) e Germaine Tailleferre (1892-1983), formaram o Grupo dos Seis, com o qual exercitaram certa escrita coletiva em torno da personalidade influente de Cocteau.

No *Concerto Para Dois Pianos em Ré Menor*, Poulenc se inspira na música circular da ilha de Bali, baseada nos sons dos gamelões. O moto-perpétuo presente na peça é um eco da incorporação desse mundo sem cadências e resoluções harmônicas, que se opõe ao mundo tonal europeu do final do século XIX. Alguns efeitos de ataques da orquestra lembram sonoridades jazzísticas.

Em *Les Biches* [As Corças], um balé do empresário russo Serge Diaghilev coreografado por Bronislava Nijinska (irmã do célebre bailarino), a música dialoga com certo universo de referências que se convencionou chamar de surrealismo, em que a reminiscência dos estilos de Mozart, Scarlatti e Tchaikovsky parece passar pelo olho mágico de *O Carnaval Dos Animais* (1886), de Camille Saint-Saëns, sob a escrita mais contemporânea de Poulenc.

CACÁ MACHADO é compositor e historiador, professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp, autor dos livros *O Enigma do Homem Célebre* (IMS, 2007), *Tom Jobim* (Publifolha, 2008), *Todo Nazareth: Obras Completas* (ÁguaForte, 2011) e do CD *eslavosamba* (YB/Circus, 2013).

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

VENHA ASSISTIR À OSESP E ORQUESTRAS PARCEIRAS NA SALA SÃO PAULO. **ENTRADA GRATUITA**

MATINAIS

3 MAI DOM 11H

BANDA SINFÔNICA JOVEM DO ESTADO
MÔNICA GIARDINI REGENTE
KAREN STEPHANIE SOPRANO
MATHEUS POMPEU TENOR
MOISÉS HELBERT PEÑA BARITONO
MAURO WRONA NARRAÇÃO

GIUSEPPE VERDI
La Traviata [ARR. LORENZO PUSCEDDU]

10 MAI DOM 11H

CORO INFANTIL DA OSESP | TERUO YOSHIDA REGENTE
CORO JUVENIL DA OSESP | PAULO CELSO MOURA REGENTE
CORO ACADÊMICO DA OSESP | MARCOS THADEU REGENTE

Programa a ser definido.

17 MAI DOM 11H

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
STÉPHANE DENÈVE REGENTE REGENTE

HECTOR BERLIOZ
Sinfonia Fantástica, Op.14

24 MAI DOM 11H

ORQUESTRA SINFÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO
STÉPHANE DENÈVE REGENTE

DARIUS MILHAUD
A Criação do Mundo, Op.81a
FRANCIS POULENC
Les Biches: Suíte
GEORGE GERSHWIN
Um Americano em Paris

31 MAI DOM 11H

ORQUESTRA SINFÔNICA
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
MARCELLO STASI REGENTE
MARCELO COELHO SAXOFONE

FELIPE SENNA
Lendas (Suíte Infantil) [ESTREIA MUNDIAL]
PATRÍCIA DE CARLI
Nebulae Para Saxofone Soprano
e Orquestra [ESTREIA MUNDIAL]
CHARLES GOUNOD
Sinfonia nº 1 em Ré Maior

Programação sujeita a alterações

Ingressos gratuitos limitados a 4 por pessoa.
Disponíveis na bilheteria da Sala São Paulo desde a segunda-feira anterior ao concerto. A partir de 5 ingressos, será cobrado o valor de R$2,00 por ingresso.
Bilheteria da Sala São Paulo: T 3223 3966
osesp.art.br

A Série de Concertos Matinais recebe o público das instituições convidadas:

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
PATROCÍNIO BancoVotorantim
REALIZAÇÃO ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

STÉPHANE DENÈVE REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MAIO DE 2013

Nascido em 1971, o maestro francês Stéphane Denève graduou-se pelo Conservatório de Paris. Começou como assistente de *Sir* Georg Solti na Orquestra de Paris e na Ópera Nacional de Paris, e trabalhou ainda com Seiji Ozawa e Georges Prêtre. É regente convidado principal da Orquestra da Filadélfia desde o ano passado e, a partir de setembro, regente titular da Filarmônica de Bruxelas. É também regente principal da Orquestra Sinfônica da Rádio de Stuttgart (SWR), cargo que ocupa desde que deixou a direção musical da Orquestra Nacional Real Escocesa, em 2012. Já se apresentou no Carnegie Hall, com a Sinfônica de Boston, e regeu também orquestras como a Real do Concertgebouw de Amsterdã, as filarmônicas de Los Angeles e Munique, e as sinfônicas de Chicago, Boston, São Francisco, Londres e Nacional da Alemanha, sem falar na Osesp. Com a Orquestra Nacional Real Escocesa, gravou obras de Roussel, Franck e Connesson. Com a gravação de Debussy, pelo selo Chandos, ganhou o Diapason d'Or de 2012.

ÉRIC LE SAGE PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Aix-en-Provence, o pianista francês Éric Le Sage formou-se no Conservatório de Paris e especializou-se com Maria Curcio, em Londres. Em 1990, obteve o terceiro lugar na Competição Internacional de Leeds. Já se apresentou em salas como Carnegie Hall (Nova York), Concertgebouw (Amsterdã), Philharmonie (Colônia), Salle Pleyel (Paris) e Suntory Hall (Tóquio). Apresenta-se regularmente com as orquestras de Filadélfia, as sinfônicas de Toronto e NHK, de Tóquio, e as filarmônicas de Los Angeles, Roterdã e da Radio France, com maestros como Stéphane Denève, Louis Langrée, Michel Plasson, Michael Stern e *Sir* Simon Rattle.

FRANK BRALEY PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Corbeil-Essonnes, o pianista francês Frank Braley formou-se no Conservatório de Paris, com Pascal Devoyon, Christian Ivaldi e Jacques Rouvier. Em 1991, recebeu o primeiro prêmio e o prêmio do público no Concurso Internacional Rainha Elizabeth da Bélgica. Já se apresentou com maestros como Charles Dutoit, Marek Janowski e Kurt Masur, e em formações de câmara ao lado de instrumentistas como Emmanuel Pahud, Maria João Pires, Mischa Maisky, Renaud Capuçon e Gautier Capuçon. Já realizou diversas gravações para os selos Harmonia Mundi e Virgin Classics.

Inovar para fazer sua vida melhor.

Esse é o nosso espetáculo.

Temporada
2015 | OSESP

ULTRA

Extrafarma · Ipiranga · OXITENO · ULTRACARGO · ULTRAGAZ especialista no que faz

LEI DE INCENTIVO À CULTURA · SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura · Ministério da Cultura · GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

MICHAEL TIPPETT EM ENSAIO PARA *A CHILD OF OUR TIME*, NO CORN EXCHANGE, EM BEDFORD (INGLATERRA), EM 1945

28 QUI 21H CEDRO
29 SEX 21H ARAUCÁRIA
30 SÁB 16H30 MOGNO

MARK WIGGLESWORTH REGENTE
MEASHA BRUEGGERGOSMAN SOPRANO
SUSAN BICKLEY MEZZO SOPRANO
STUART SKELTON TENOR
PETER COLEMAN-WRIGHT BARÍTONO
CORO ACADÊMICO DA OSESP
MARCOS THADEU REGENTE
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

ANÔNIMO

Elijah Rock [Pedra de Elias]
[*Negro Spiritual* em Arranjo de Moses Hogan]
3 MIN

Deep River [Rio Profundo]
[*Negro Spiritual* em Arranjo de Alice Parker e Robert Shaw]
4 MIN

Dry Bones [Ossos Secos]
[*Negro Spiritual* em Arranjo de Mark Hayes]
4 MIN

MICHAEL TIPPETT [1905-1998]

A Child of Our Time [Um Filho de Nosso Tempo] [1939-41]

Parte 1
- 1. Chorus: "The World Turns on Its Dark Side"
  [Coro: "O Mundo se Volta Para Seu Lado Sombrio"]
- 2. The Argument: "Man Has Measured The Heavens"
  [O Argumento: "O Homem Mediu os Céus"]
- Interlúdio (Attacca)
- 3. Scena: "Is Evil Then Good?" [Cena: "Então o Mal é Bom?"]
- 4. The Narrator: "Now in Each Nation" [O Narrador: "Hoje em Toda Nação"]

- 5. Chorus of The Oppressed: "When Shall The Usurers' City Cease"
  [Coro Dos Oprimidos: "Quando Deixará de Haver Usura na Cidade"]
- 6. Tenor Solo: "I Have no Money For my Bread"
  [Solo de Tenor: "Não Tenho Dinheiro Para Meu Pão"]
- 7. Soprano Solo: "How Can I Cherish my Man in Such Days" [Solo de Soprano: "Como Posso Agradar Meu Homem em Dias Como Estes"]
- 8. A Spiritual: "Steal Away" [Um *Spiritual*: "Escapulir"]

Parte 2

- 9. Chorus: "A Star Rises in Mid-Winter"
  [Coro: "Uma Estrela Surge em Meio ao Inverno"]
- 10. The Narrator: "And a Time Came" [O Narrador: "E Veio um Tempo"]
- 11. Double Chorus of Persecutors And Persecuted: "Away With Them!"
  [Coro Duplo de Perseguidores e Perseguidos: "Tirem Eles Daqui!"]
- 12. The Narrator: "Where They Could, They Fled"
  [O Narrador: "Onde Puderam, Fugiram"]
- 13. Chorus of The Self-Righteous: "We Cannot Have Them in Our Empire"
  [Coro Dos Donos da Verdade: "Não Podemos tê-los em Nosso Império"]
- 14. The Narrator: "And The Boy's Mother Wrote a Letter"
  [O Narrador: "E a Mãe do Garoto Escreveu Uma Carta"]
- 15. Scena: "O My Son!" [Cena: "Oh Meu Filho!"]
- 16. A Spiritual: "Nobody Knows The Trouble I See, Lord"
  [Um *Spiritual*: "Ninguém Sabe os Problemas Que Vejo, Senhor"]
- 17. Scena: "The Boy Becomes Desperate in His Agony"
  [Cena: "O Garoto se Desespera em Sua Agonia"]
- 18. The Narrator: "They Took a Terrible Vengeance"
  [O Narrador: "Vingaram-se Terrivelmente"]
- 19. Chorus: The Terror: "Burn Down Their Houses!"
  [Coro: O Terror: Queimem Suas Casas!"]
- 20. The Narrator: "Men Were Ashamed of What Was Done"
  [O Narrador: "Os Homens se Envergonharam do Que Foi Feito"]
- 21. A Spiritual of Anger: "Go Down, Moses"
  [Um *Spiritual* de Fúria: "Desce, Moisés"]
- 22. The Boy Sings in His Prison: "My Dreams Are All Shattered"
  [O Menino Canta em Sua Prisão: "Todos os Meus Sonhos se Estilhaçaram"]
- 23. The Mother: "What Have I Done to You, My Son?"
  [A Mãe: "O Que Fiz Para Você, Meu Filho?
- 24. Alto Solo: "The Dark Forces Rise Like a Flood" [Solo de Contralto: "As Forças Das Trevas se Alastram Como Uma Enchente"]
- 25. A Spiritual: "O, by And by" [Um *Spiritual*: "Oh, Em Algum Momento"]

Parte 3

- 26. Chorus: "The Cold Deepens" [Coro: "O Frio Aumenta"]
- 27. Alto Solo: "The Soul of Man" [Solo de Contralto: "A Alma do Homem"]
- Prelúdio
- 28. Scena: "The Words of Wisdom Are These"
  [Cena: "Essas São as Palavras da Sabedoria"]
- 29. Finale: "I Would Know my Shadow And my Light"
  [Final: "Eu Conheceria Minha Sombra e Minha Luz"]
- 30. A Spiritual: "Deep River" [Um *Spiritual*: "Rio Profundo"]

72 MIN

Intensa desolação e esperança: é pela união dessas antinomias, que W. E. B. Du Bois definiu os *negro spirituals*. Primeiro afro-americano a doutorar-se na Universidade de Harvard, Du Bois foi um dos principais artífices do movimento artístico e literário Harlem Renaissance, que aflorou nos Estados Unidos em meados da década de 1910 e perdurou até cerca de 1935. Baseado no pan-africanismo, o movimento tinha o propósito de combater o racismo por meio da valorização da tradição e da herança comum de todos os povos negros ao redor do planeta. Além da literatura, das artes e do resgate de feitos históricos das populações negras, a música era uma das manifestações culturais mais caras ao movimento.

Em 1903, Du Bois publicou *The Souls of Black Folk: Essays And Sketches*, importante livro no qual dedica um ensaio ao tema dos *negro spirituals*. Diz o autor: "Em meio a toda a tristeza profunda das canções, há um suspiro de esperança — uma fé na justiça final das coisas. As cadências menores do desespero se transformam com frequência em triunfo e serena confiança. Às vezes é a fé na vida, às vezes uma fé na morte, às vezes certeza de justiça irrestrita num outro mundo mais justo. Seja o que for, o significado é sempre evidente: que em algum tempo, em algum lugar, os homens julgarão os homens por suas almas, não por suas peles".[1]

Desde o final do século XIX, Du Bois e outros intelectuais das comunidades negras investiam no árduo trabalho de ressignificar esse gênero musical que, mais do que motivo de orgulho e tradição, ainda era visto como expressão de amargas lembranças do período escravista. Os *spirituals* também eram alvo de reprovação de uma parcela da sociedade norte-americana, a exemplo do que ocorria com outras manifestações culturais negras. Foram as instituições de ensino superior afro-americanas e, posteriormente, os intelectuais e artistas organizados em torno da Harlem Renaissance os primeiros a dar novos sentidos aos *spirituals* como parte do patrimônio cultural pan-africano e da história dos Estados Unidos.

Fundada em Nashville em 1866, três anos depois da abolição e poucos meses depois do fim da Guerra de Secessão, a Universidade de Fisk criou o primeiro grupo a divulgar para um grande público canções da época da escravidão, o Jubilee Singers. Em seu repertório, entoado numa turnê que percorreu o território norte-americano (1871) e chegou à Europa (1873), encontravam-se *spirituals* como "Steal Away" [Escapulir], que, mais tarde, seriam incorporados ao oratório *A Child of Our Time* [Um Filho de Nosso Tempo], do compositor britânico Michael Tippett. Outras universidades negras, como a Tuskegee, e algumas igrejas protestantes seguiram o exemplo do Jubilee Singers, abrindo espaço para rememoração e recriação dessas canções.

Dos palcos e das missas, os *spirituals* ganhariam espaço nos estudos de folclore, na literatura e na história norte-americana, pelas mãos não só de Du Bois, mas também nas de outros expoentes da Harlem Renaissance, como James Weldon Johnson, Alain LeRoy Locke, Langston Hughes e Zora Neale Hurston. Weldon Johnson realizou um vasto trabalho de coleta dessas canções, publicadas em *The Book of American Negro Spirituals* (1925) e *The Second Book of American Negro Spirituals* (1926),[2] que, junto com outros títulos lançados na mesma época, serviram de base para a formação de grupos como a Afro-American Symphony, a Harlem Symphony Orchestra e o Negro String Quartet, que buscavam unir, em suas composições e apresentações, as tradições musicais negras à chamada música erudita.

Todo esse processo histórico, capitaneado por intelectuais, artistas e instituições negras, elevou o *spiritual* a um novo estatuto, não apenas artístico e musical, mas marcado por uma dimensão histórica e afetiva. Dos estudos da Harlem Renaissance às pesquisas mais atuais sobre os *spirituals*, são apontadas correlações rítmicas, melódicas, de técnicas corporais e vocais entre esse gênero e as tradições musicais de diferentes etnias africanas, como, por exemplo, a iorubá. O ritmo sincopado e cruzado, as inflexões

1. Du Bois, W. E. B. "Of The Sorrow Songs". *In: The Souls of Black Folk: Essays And Sketches.* Disponível em: xroads.virginia.edu/~hyper/DUBOIS/ch14.html.

2. Em edições recentes, os dois livros foram reunidos em um volume só. Ver: Johnson, James Weldon; Johnson, J. Rosamond. *The Books of American Negro Spirituals*. Nova York: Da Capo, 2009.

microtonais, o uso de escalas pentatônicas, as ululações e melismas nas melodias, a incorporação de palmas e batidas dos pés e uma textualidade baseada em contos, alegorias, jogos de pergunta e resposta e improvisações são alguns dos elementos que revelam a forte conexão histórica entre a cultura dos negros norte-americanos e a África. Do mesmo modo, os estudos revelam as transformações que essas formas musicais sofreram no Novo Mundo, num movimento sincrético com as tradições musicais europeias. Basta citar a forte referência bíblica das letras de *spirituals*, como "Deep River" [Rio Profundo], "Elijah Rock" [Pedra de Elias] e "Dry Bones" [Ossos Secos].

As letras dos *spirituals* reinterpretam a língua inglesa na sintaxe própria ao dialeto dos escravos e traduzem as passagens da *Bíblia* com referências ao sofrimento cotidiano, a histórias e utopias dos negros durante a escravidão. Acima de tudo, são canções que clamam por liberdade e buscam aproximar a humanidade, como também quiseram um dia Du Bois e Tippett.

LUIS FELIPE KOJIMA HIRANO é doutor em Antropologia Social pela USP e professor de Antropologia da Universidade Federal de Goiás.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

TIPPETT

A CHILD OF OUR TIME

Coro e Orquestra Sinfônica de Birmingham
Sir Michael Tippett, regente
Faye Robinson, soprano
Sarah Walker, mezzo-soprano
Jon Garrison, tenor
John Cheek, baixo-barítono

NAXOS, 2005

Coro e Orquestra Sinfônica de Londres
Sir Colin Davis, regente
Indra Thomas, soprano
Mihoko Fujimura, mezzo-soprano
Steve Davislim, tenor
Matthew Rose, baixo

LSO LIVE, 2008

Orquestra Sinfônica da BBC
BBC Singers
BBC Choral Society
Sir Colin Davis, regente
Jessye Norman, soprano
Janet Baker, mezzo-soprano
Richard Cassilly, tenor
John Shirley-Quirk, baixo-barítono

PHILIPS, 1990

Staatskapelle Dresden
Chor der Sächsischen Staatsoper Dresden
Sir Colin Davis, regente
Matthias Brauer, regente
Ute Selbig, soprano
Nora Gubisch, mezzo-soprano
Jerry Hadley, tenor
Robert Holl, baixo-barítono

PROFIL, 2008

Coro e Orquestra Sinfônica de Londres
Richard Hickox, regente
Cynthia Haymon, soprano
Cynthia Clarey, mezzo-soprano
Damon Evans, tenor
Willard White, baixo-barítono

CHANDOS, 1993

"O mundo se volta para seu lado sombrio — é inverno", canta o coro na parte inicial de *A Child of Our Time* [Um Filho de Nosso Tempo], um oratório do compositor inglês Michael Tippett. Diferente do *Messias*, de Händel, e das grandes *Paixões* de Bach, os modelos formais e espirituais que Tippett emulou, *A Child of Our Time* não se refere a uma data específica do calendário eclesiástico.

A inspiração de Tippett foi um evento histórico. Herschel Grynszpan, um judeu polonês de 17 anos, alarmado pelas notícias de que sua família tinha sido deportada da Polônia para a Alemanha, atirou e feriu mortalmente Ernst vom Rath, um diplomata alemão, em Paris, em 7 de novembro de 1938. Vom Rath morreu dois dias depois, no décimo quinto aniversário do chamado "*putsch* da cervejaria", a tentativa fracassada de golpe de Hitler contra o governo da região da Baviera. Indignados com um assassino judeu — e incitados por um discurso de Joseph Goebbels no local do *putsch* —, os nazistas retaliaram com a *Kristallnacht*, a terrível noite dos cristais.

As circunstâncias exatas do incidente ficaram borradas com o passar dos anos, e há indícios de que os nazistas encontrariam de todo modo outro pretexto para a escalada da violência contra os judeus. Mas, para Tippett, um dedicado pacifista que acreditou durante toda a vida que a arte estava a serviço da justiça social, Grynszpan serviu como símbolo de um indivíduo marginalizado pela sociedade e levado pela tirania a cometer um ato inconcebível.

Tippett, abertamente *gay* numa época em que a homossexualidade ainda não havia sido descriminalizada na Inglaterra, sabia o que era estar à margem da sociedade convencional. Ele seguia com tamanha paixão seus princípios de consciência que acabou cumprindo uma sentença de prisão por três meses em 1943 [ao se recusar a realizar obrigações ligadas à guerra, em função de sua dispensa].

O fato de Grynszpan ter percebido rapidamente o custo de seu gesto impensado e de ter se arrependido era compatível com as inclinações humanitárias de Tippett e também com sua crença junguiana de que é necessário reconciliar os opostos num todo harmonioso. Como Paul Griffiths escreveu num ensaio de 1999 para o jornal *The New York Times*, "indivíduos e nações, como Tippett os via, criam inimigos ao achar que as outras pessoas são latas de lixo que contêm as suas próprias características inaceitáveis; se essa verdade fosse reconhecida, então o diálogo da guerra poderia ser transformado num diálogo de aceitação e até mesmo de amor".

Supor que Tippett possa ter pensado que os nazistas poderiam reconhecer e aceitar seus bodes expiatórios provavelmente é exagerar o alcance de seus desejos. Mas é fácil imaginar que ele acreditava que o povo alemão poderia se elevar acima dos objetivos predatórios dos nazistas.

De acordo com Meirion Bowen, biógrafo, agente e companheiro de Tippett nos últimos anos de vida, o compositor começou a trabalhar em *A Child of Our Time* poucos dias após o início da guerra, em 1939. O título foi emprestado de um romance antibélico de Ödön von Horváth, um dramaturgo austro-húngaro. Tippett queria que T. S. Eliot fizesse o libreto, mas, ao ver os esboços da obra, o poeta insistiu que o próprio compositor escrevesse o texto.

Tippett usou como modelo para a forma tripartite do *Messias*, de Händel, que ele havia regido com músicos amadores no início de sua carreira. "A primeira parte fala do estado geral de opressão em nosso tempo", Tippett escreveu sobre a obra. "A segunda parte apresenta a história específica da tentativa de um jovem de fazer justiça por meio da violência e das consequências catastróficas dessa ação. A terceira parte pondera sobre a moral a ser tirada disso tudo, se é que há alguma." Há alusões sofisticadas a trechos do *Messias*.

Inspirado tanto por Händel quanto por Bach, Tippett adotou um modelo que inclui narrativas recitativas, árias contemplativas, estrofes descritivas e — especificamente das *Paixões* de Bach — peças corais conhecidas. Buscando um equivalente aos hinos luteranos de Bach, Tippett incluiu cinco *negro spirituals* americanos. A configuração emulava o estilo do Coro Hall Johnson, que Tippett havia ouvido em *Mais Próximo do Céu* [*The Green Pastures*], filme de 1936.

Tippett achava que, nesses *spirituals* — "Steal Away" [Escapulir], "Nobody Knows The Trouble I See, Lord" [Ninguém Sabe os Problemas Que Vejo, Senhor], "Go Down, Moses" [Desça, Moisés], "O, by And by" [Em Algum Momento] e "Deep River" [Rio Profundo] —, os negros americanos ti-

nham transformado a condição dos judeus bíblicos em algo familiar e universal. Ao usá-los, pretendia evocar não só os tormentos dos judeus contemporâneos na Europa durante a guerra, mas também qualquer outra pessoa "rejeitada, banida do centro de nossa sociedade e posta em suas margens: em favelas, em campos de concentração, em guetos", como escreveu.

O fato de *A Child of Our Time* ter tido um vibrante sucesso em sua estreia, em 1944, três anos depois de ser completado, e o fato de a obra ter viajado mais e durado mais do que qualquer outra do longo cânone de Tippett, certamente deve algo à força desses *spirituals*. Mesmo assim, a façanha musical do compositor não deve ser subestimada. Antes de a primeira palavra ser cantada, ele estabelece um sentimento de desconforto e lamentação, com acordes de metais decididos e ácidos, simultaneamente acariciados e arrastados para baixo por cordas em linhas descendentes e sombrias. A parte do coral, quando se inicia, vagueia de maneira lenta e indecisa, com tímpanos ressoando ameaçadoramente por baixo.

Ao longo de toda a obra, as partes vocais e instrumentais fluem e se cruzam com clareza madrigalesca. Tippett faz, por vezes, referências irônicas a estilos populares, notavelmente ao tango, na ária para tenor "I Have no Money For my Bread" [Não Tenho Dinheiro Para Meu Pão].

Essas apropriações levaram alguns críticos a rejeitar a obra. "A música de Tippett é uma coleção de objetos encontrados, com uma linguagem consoante que vai rumo à politonalidade e depois a abandona", escreveu Bernard Holland numa resenha para o *The New York Times*, por ocasião da estreia da obra pela Filarmônica de Nova York, em 1999.

O texto, ocasionalmente empolado, pode ser outro objeto de preocupação. No entanto, independente das eventuais deficiências, a imensa empatia e o tom majestoso que Tippett empresta aos oprimidos transcendem tudo isso.

"Eu conheceria a minha sombra e a minha luz, para que finalmente me tornasse inteiro", o tenor solista canta no clímax da terceira parte, entoando a receita junguiana para curar tanto o homem quanto a sociedade. "Então, coragem, irmão, desafie o caminho para o túmulo", responde o baixo. "Aqui não há luto final, mas uma esperança permanente", acrescenta a soprano. "As águas que se movem renovam a terra", canta a contralto. "É primavera." Nesse verso, e na promessa conciliatória do *spiritual* final, "Deep River", chega a promessa de salvação que certamente pode aquecer qualquer coração.

STEVE SMITH é jornalista, autor do *blog ArtsBeat*, na página do jornal *The New York Times*. Texto publicado no *The New York Times*, em 27 de janeiro de 2012, republicado sob autorização. Tradução de Rogério Galindo.

SUGESTÕES DE LEITURA

Kenneth Gloag

A CHILD OF OUR TIME

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999

Kenneth Gloag
e Nicholas Jones (orgs.)

THE CAMBRIDGE COMPANION TO MICHAEL TIPPETT

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2013

Michael Tippett

THOSE TWENTIETH CENTURY BLUES: AN AUTOBIOGRAPHY

HUTCHINSON, 1992

David Matthews

MICHAEL TIPPETT: AN INTRODUCTORY STUDY

FABER & FABER, 1979

David Clarke

THE MUSIC AND THOUGHT OF MICHAEL TIPPETT: MODERN TIMES AND METAPHYSICS

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Alex Ross

O RESTO É RUÍDO

COMPANHIA DAS LETRAS, 2009

INTERNET

WWW.NEGROSPIRITUALS.COM

WWW.TIPPETTFOUNDATION.ORG.UK

MARK WIGGLESWORTH REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Sussex, na Inglaterra, Mark Wigglesworth estudou na Universidade de Manchester e na Royal Academy of Music, em Londres. Pouco depois de se formar, venceu a competição de regência Kondrashin, na Holanda. Foi regente associado da Sinfônica da BBC, principal regente convidado da Sinfônica da Rádio Sueca e diretor musical da Orquestra Nacional da BBC do País de Gales. Já regeu as orquestras Real do Concertgebouw de Amsterdã, Accademia Nazionale di Santa Cecilia (Roma), as filarmônicas de Berlim, Oslo, Nova York e Los Angeles e as sinfônicas de Chicago e Boston. Foi também diretor musical da Opera Factory (London) e regeu óperas em salas como Metropolitan Opera House (Nova York), Royal Opera House (Londres) e La Monnaie (Bruxelas). Em setembro de 2015, assumirá o cargo de diretor musical da English National Opera.

MEASHA BRUEGGERGOSMAN SOPRANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida no Canadá, a soprano Measha Brueggergosman estudou na Universidade de Toronto, com Mary Morrison, e realizou estudos de pós-graduação na Alemanha, com Edith Wiens. Já se apresentou com maestros como Jaap van Zweden, Pablo Heras-Casado, Jukka-Pekka Saraste, Michael Tilson Thomas, Daniel Harding, *Sir* Andrew Davis, Yannick Nézet-Séguin, Daniel Barenboim, *Sir* Simon Rattle e Gustavo Dudamel. Apresentou recitais em salas como Wigmore Hall (Londres), Carnegie Hall (Nova York), Kennedy Center (Washington) e Palais des Beaux-Arts (Bruxelas), e realizou diversas gravações para os selos Deutsche Grammophon e CBC Records.

SUSAN BICKLEY MEZZO SOPRANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

A mezzo-soprano Susan Bickley estudou na City University e na Guildhall School, ambas em Londres. Em 2011, recebeu o prestigioso Singer Award, da Royal Philharmonic Society. Já se apresentou com as orquestras Sinfônica de Londres, Philharmonia, London Sinfonietta, Orchestra of the Age of Enlightenment e as filarmônicas de Los Angeles, Hong Kong e Londres, entre outras, com maestros como Gustavo Dudamel, *Sir* Mark Elder, Ingo Metzmacher, Trevor Pinnock, *Sir* Andrew Davis, Antonio Pappano e Mark Wigglesworth. Apresentou-se nas óperas de Frankfurt, Berlim, Paris e São Francisco, na Royal Opera House (Londres) e nos festivais de Salzburgo, Glyndebourne e BBC Proms.

STUART SKELTON TENOR

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM NOVEMBRO DE 2005

Nascido em Sydney, o tenor Stuart Skelton foi indicado o melhor cantor do ano de 2014 pelo International Opera Awards. Já se apresentou com as orquestras sinfônicas de Sydney, Melbourne, Boston, Chicago, Montreal, Londres e da Rádio da Baviera, e as filarmônicas de São Francisco e Los Angeles, entre outras. Atuou sob a regência de maestros como Vladimir Ashkenazy, Daniel Barenboim, Christoph Eschenbach, Mariss Jansons, James Levine, Lorin Maazel, David Robertson, *Sir* Simon Rattle e Franz Welser-Möst. Na temporada 2014-5, interpretará os papéis principais nas óperas *Tristão e Isolda*, de Wagner, com a Sinfônica de Sydney sob regência de David Robertson, e *Otelo*, em produção da Ópera Nacional Inglesa, dirigida por David Alden e sob regência de Edward Gardner.

PETER COLEMAN-WRIGHT BARÍTONO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido na Austrália, o barítono Peter Coleman-Wright já se apresentou nas óperas de Paris, Bordeaux e Genebra, nos teatros La Fenice (Veneza) e La Scala (Milão), e também no Metropolitan de Nova York e na Royal Opera House de Covent Garden (Londres), entre outras. Trabalha regularmente com maestros como Edo de Waart, Mark Elder, *Sir* Charles Mackerras, Daniele Gatti e *Sir* Andrew Davis, e gravou diversos CDs para os selos Telarc, Chandos, Hyperion e EMI. Recentemente, recebeu o título honorário de doutor pela Universidade de Melbourne.

NAOMI MUNAKATA REGENTE HONORÁRIA

Regente Honorária do Coro da Osesp — título que recebeu em 2014 —, Naomi Munakata iniciou seus estudos musicais ao piano aos quatro anos de idade e começou a cantar aos sete, no coral regido por seu pai, Motoi Munakata. Estudou ainda violino e harpa. Formou-se em Composição e Regência em 1978, pela Faculdade de Música do Instituto Musical de São Paulo, na classe de Roberto Schnorrenberg. A vocação para a regência começou a ser trabalhada em 1973, com os maestros Eleazar de Carvalho, Hugh Ross, Sérgio Magnani e John Neschling. Anos depois, essa opção lhe valeria o prêmio de Melhor Regente Coral, pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Estudou ainda regência, análise e contraponto com Hans-Joachim Koellreutter. Como bolsista da Fundação Vitae, foi para a Suécia estudar com o maestro Eric Ericson. Em 1986, recebeu do governo japonês uma bolsa de estudos para aperfeiçoar-se em regência na Universidade de Tóquio. Foi diretora da Escola Municipal de Música de São Paulo, diretora artística e regente do Coral Jovem do Estado, regente assistente do Coral Paulistano e professora na Faculdade Santa Marcelina e na Faam.

MARCOS THADEU REGENTE E TENOR

Regente do Coro Acadêmico da Osesp, preparador vocal do Coro da Osesp e do Coro Juvenil da Osesp e professor de canto na Faculdade Cantareira, Marcos Thadeu estudou com Sérgio Magnani, Berenice Menegale, Eladio Pérez-González, Esther Scliar e Carlos Alberto Pinto Fonseca, especializando-se em canto, piano e regência coral. Foi solista e preparador vocal do grupo Ars Nova e do coral da UFMG, além de regente titular do Coral Lírico de Minas Gerais. Trabalhou com maestros como Michel Corboz, Eugene Kohn, Eleazar de Carvalho, Robert Shaw e David Machado.

CORO ACADÊMICO DA OSESP

Criado em 2013 com o objetivo de formar profissionalmente jovens cantores, o Coro Acadêmico da Osesp oferece experiência de prática coral, conhecimento de repertório sinfônico para coro e orientação em técnica vocal, prosódia e dicção. Os alunos vivenciam e participam do dia a dia de um coro profissional, realizando apresentações junto ao Coro da Osesp, dentro de sua temporada anual, além de concertos organizados pela Coordenação Pedagógica do Coro Acadêmico. O curso tem duração de 11 meses, podendo se estender por mais dois períodos de mesma duração. O Coro Acadêmico é dirigido por Marcos Thadeu, que desde 2001 é também responsável pela preparação vocal dos coros da Osesp.

CORO DA OSESP

Ver pág. 68

AFRICA
A FOLHA É A FAVOR DAS MANIFESTAÇÕES. EU TAMBÉM.
"Os protestos de junho de 2013 revelaram um inconformismo saudável e sacudiram o sistema político nacional. Se o direito de manifestação deve ser protegido, nem por isso deve ser exercido fora da lei. A violência deve ser coibida pela polícia em nome da ordem pública e dos direitos de todos.
Vândalos devem ser punidos. E manifestantes não devem ser confundidos com bandidos." Essa é a posição da Folha.
Concordando ou não, siga a Folha, porque ela tem suas posições, mas sempre publica opiniões divergentes.
#siga a folha
folha.com.br/oqueafolhapensa
FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — Osesp — construiu uma trajetória de grande sucesso, tornando-se a instituição que é hoje. Reconhecida internacionalmente por sua excelência, a Orquestra é parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. Nos primeiros anos, foi dirigida pelo maestro Souza Lima e pelo italiano Bruno Roccella, mais tarde sucedidos por Eleazar de Carvalho (1912--96), que por 24 anos dirigiu a Orquestra e desenvolveu intensa atividade. Nos últimos anos sob seu comando, o grupo passou por um período de privações. Antes de seu falecimento, porém, Eleazar deixou um projeto de reformulação da Osesp. Com o empenho do governador Mário Covas, foi realizada a escolha do maestro que conduziria essa nova fase na história da Orquestra. Em 1997, o maestro John Neschling assume a direção artística da Osesp e, com o maestro Roberto Minczuk como diretor artístico adjunto, redefine e amplia as propostas deixadas por Eleazar. Em pouco tempo, a Osesp abre concursos no Brasil e no exterior, eleva os salários e melhora as condições de trabalho de seus músicos. A Sala São Paulo é inaugurada em 1999 e, nos anos seguintes, são criados os Coros Sinfônico, de Câmara, Juvenil e Infantil, o Centro de Documentação Musical, os Programas Educacionais, a editora de partituras Criadores do Brasil e a Academia de Música. As temporadas se destacam pela diversificação de repertório, e uma parceria com o selo sueco BIS e com a gravadora carioca Biscoito Fino garante a difusão da música brasileira de concerto. A criação da Fundação Osesp, em 2005, representa um marco na história da Orquestra. Com o presidente Fernando Henrique Cardoso à frente do Conselho de Administração, a Fundação coloca em prática novos padrões de gestão, que se tornaram referência no meio cultural brasileiro. Além das turnês pela América Latina (2000, 2005, 2007), Estados Unidos (2002, 2006, 2008), Europa (2003, 2007, 2010, 2012, 2013) e Brasil (2004, 2008, 2011), o grupo mantém desde 2008 o projeto Osesp Itinerante, pelo interior do estado de São Paulo, realizando concertos, oficinas e cursos de apreciação musical para mais de 70 mil pessoas. Indicada em 2008 pela revista *Gramophone* como uma das três orquestras emergentes no mundo às quais se deve prestar atenção e mais recentemente (2012) tema de destaque em publicações como o jornal *The Times* e a mesma *Gramophone*, a Osesp iniciou a temporada 2010 com a nomeação de Arthur Nestrovski como diretor artístico e do maestro francês Yan Pascal Tortelier como regente titular. Em fevereiro de 2011, o Conselho da Fundação Osesp anuncia a norte-americana Marin Alsop como nova regente titular da Orquestra por um período inicial de cinco anos, a partir de 2012. Também a partir de 2012, Celso Antunes assume o posto de regente associado da Orquestra. Neste mesmo ano, em sequência a concertos no festival BBC Proms, de Londres, e no Concertgebouw de Amsterdã, a Osesp é apontada pela crítica estrangeira (*The Guardian* e BBC Radio 3, entre outros) como uma das orquestras de ponta no circuito internacional. Lança também seus primeiros discos pelo selo Naxos, com o projeto de gravação da integral das Sinfonias de Prokofiev, regidas por Marin Alsop, e da integral das Sinfonias de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky. Em 2013, Marin Alsop é nomeada diretora musical da Osesp, e a orquestra realiza nova turnê europeia, apresentando-se pela primeira vez — e com grande sucesso — na Salle Pleyel, em Paris, no Royal Festival Hall, em Londres, e na Philharmonie, em Berlim. Em 2014, celebrando os 60 anos de sua criação, a Osesp fez uma turnê por cinco capitais brasileiras. ▪

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP
REGENTE ASSOCIADO
CELSO ANTUNES
DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
ANGÉLICA OLIVO SPALLA*
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER***
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS**
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCELO SOARES
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA
MARCIO AUGUSTO KIM*

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS
ILIA LAPOREV
HELOISA MEIRELLES**
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
SAMUEL HAMZEM
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA
ANTONIO CARLOS LOPES JR.
MARCELO MATOS
FLÁVIO GABRIEL*

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
LUIZ RICARDO SERRALHEIRO*

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1º PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

GERÊNCIA
JOEL GALMACCI GERENTE
XISTO ALVES PINTO INSPETOR
LAURA PADOVAN PASSOS

ACADEMIA DA OSESP

VIOLINOS
DAN TOLOMONY
GIDEONI LOAMIR
SUELEN BOER
NATHAN OLIVEIRA

VIOLA
ABNER BRASIL

VIOLONCELO
MATHEUS MELLO

CONTRABAIXO
RAFAEL FIGUEREDO

OBOÉ
ÉRICO MARQUES
PÚBLIO DA SILVA

CLARINETE
PATRICK VIGLIONI

PERCUSSÃO
CARLOS FERREIRA

TUBA
GABRIEL DÍAZ ARAYA

TROMPA
JESSICA VICENTE

TROMPETES
CRISTÓBAL ROJAS SALINAS
LUCAS ESPINDOLA
THIAGO ARAUJO

TROMBONES
SILAS FALCÃO
HÉLIO GÓES

FAGOTE
FRANCISCO WELLINGTON
ANGE BAZZANI

(*) MÚSICO CONVIDADO
(**) MÚSICO LICENCIADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

CORO DA OSESP

A combinação de um grupo de cantores de sólida formação musical com a condução de uma das principais regentes brasileiras faz do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. À frente do grupo, Naomi Munakata tem regido também obras consagradas, que integram o cânone da música ocidental. Criado como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo em 1994, passou a se chamar Coro da Osesp em 2001. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital). ▪

Trabalhando juntos para gerar inspiração

Paixão, dedicação e arte tornam o mundo um lugar melhor para se viver.

O Banco de Tokyo-Mitsubishi UFJ Brasil S/A, membro do grupo MUFG, tem orgulho de apoiar a OSESP.

Banco de Tokyo-Mitsubishi UFJ Brasil S/A
A member of MUFG, a global financial group
www.br.bk.mufg.jp

MUFG

Ouvidoria
DDG: 0800 770 4060
Email: ouvidoria@br.mufg.jp

©2015 Mitsubishi UFJ Financial Group, Inc. Todos os direitos reservados. A logomarca e o nome MUFG são marcas de serviço do Mitsubishi UFJ Financial Group, Inc.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

A CBN não toca música.
Mas a equipe de âncoras é afinadíssima.
Os comentaristas são virtuoses da palavra e da informação jornalística.

CBN
A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

CORO DA OSESP

REGENTE HONORÁRIA
NAOMI MUNAKATA

SOPRANOS
ANNA CAROLINA MOURA
ELIANE CHAGAS
ÉRIKA MUNIZ
FLÁVIA KELE DE SOUZA
JAMILE EVARISTO
JI SOOK CHANG
MARINA PEREIRA
MAYNARA ARANA CUIN
NATÁLIA ÁUREA
REGIANE MARTINEZ MONITORA
ROXANA KOSTKA
VIVIANA CASAGRANDI

CONTRALTOS / MEZZOS
ANA GANZERT
CELY KOZUKI
CLARISSA CABRAL
CRISTIANE MINCZUK
FABIANA PORTAS
LÉA LACERDA MONITORA
MARIA ANGÉLICA LEUTWILER
MARIA RAQUEL GABOARDI
MARIANA VALENÇA
MÔNICA WEBER BRONZATI
PATRÍCIA NACLE
SILVANA ROMANI
SOLANGE FERREIRA
VESNA BANKOVIC

TENORES
ANDERSON LUIZ DE SOUSA
CARLOS EDUARDO DO NASCIMENTO
CLAYBER GUIMARÃES
ERNANI MATHIAS ROSA
FÁBIO VIANNA PERES
JABEZ LIMA
JOCELYN MAROCCOLO
LUIZ EDUARDO GUIMARÃES
MÁRCIO SOARES BASSOUS MONITOR
ODORICO RAMOS
PAULO CERQUEIRA
RÚBEN ARAÚJO

BAIXOS / BARÍTONOS
ALDO DUARTE
ERICK SOUZA
FERNANDO COUTINHO RAMOS
FLAVIO BORGES
FRANCISCO MEIRA
ISRAEL MASCARENHAS
JOÃO VITOR LADEIRA
LAERCIO RESENDE
MOISÉS TÉSSALO
PAULO FAVARO
SABAH TEIXEIRA MONITOR

PREPARADOR VOCAL
MARCOS THADEU

PIANISTA CORREPETIDOR
FERNANDO TOMIMURA

GERÊNCIA
CLAUDIA DOS ANJOS GERENTE
SEZINANDO GABRIEL DE O. NETO INSPETOR
ANA CLAUDIA MARQUES DA SILVA ASSISTENTE

CORO ACADÊMICO DA OSESP

REGENTE
MARCOS THADEU

ANDRÉ MATOS RABELO
BRUNO ARRABAL SPOSITO FERREIRA
DANIELA BASTOS LAMIM OLIVEIRA
DAVID DOS SANTOS MEDRADO
EMILY DE OLIVEIRA ALVES
FÚLVIO MAGALHÃES LIMA DE SOUZA
GABRIEL DA COSTA SILVA
ISAQUE PEREIRA DE OLIVEIRA
IVY CRISTINA SZOT
LAIS ASSUNÇÃO DO CARMO
LUIS FIDELIS DE OLIVEIRA JUNIOR
LUIZA BIONDI DE SOUZA
MARCUS DANILO DOS OUROS
MARIA MARQUES MEDEIROS RODRIGUES DA SILVA
MIQUEIAS BRAGA PEREIRA
NAE KOHATSU MATAKAS
TATIANE REIS DA SILVA
THAIS AZEVEDO CAMPOS
VANESSA CRISTINA TEIXEIRA DOS SANTOS

PIANISTA CORREPETIDORA
CAMILA OLIVEIRA

(*) MÚSICO LICENCIADO
(**) EM EXPERIÊNCIA NO CORO DA OSESP
(***) MÚSICO CONVIDADO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

CORO INFANTIL DA OSESP

REGENTE
TERUO YOSHIDA

ALLICE SOUZA DINIZ
ANA CAROLINA DA COSTA OLIVEIRA
ANA LUIZA ROSA NAVES
ANDRÉ LUIZ CARDOSO AZEVEDO
BRUNA CARVALHO CECCI
CAMILA ARAÚJO FONSECA
CAUÃ MORYA SANTOS
CAYENNE CASTRO AGUIAR
CLOE PERRUT DE GODOI
DAVID MEYER
EDUARDA MARQUES GROLLA
ENZO TOLEDO ANDREUCCETTI
FERNANDA FERNANDES QUINTANILHA
FLÁVIA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FRANCISCO KRINDGES GERALDINI
GABRIELA KAZAKEVICIUS
GIOVANNA MELLO CAMARGO
GUSTAVO BARRAVIERA RODRIGUES
HELENA CAPELOSSI
INGRID SANTOS CLE CHERUN
IRENE CHAPUIS FONSECA
IRINA ALFONSO FREDERICO
IZABELA AMOROSO CAVALCANTE
JULIA CORRÊA OLIVEIRA
JULIA PIRES DE BRITTO COSTA
JULIA RIBEIRO MONTIN
JULLIA FISCHBORN ARDANUY
LETÍCIA ARAÚJO FONSECA
LETÍCIA SAITO KOJIMA
LOHANNA SOUZA SANTOS DE LIMA
LORENA BATISTA REGO
LUCAS SHOJI
LUCIANA GUEDES GERMANO
LUÍSA RIBEIRO DE OLIVEIRA GUENA
LUIZ ROBERTO O. DOS SANTOS
LUIZA PIRES DE BRITTO COSTA
MARIA EDUARDA LAGONEGRO BRAGANHOLO
MARIA FERNANDA DE AVILA VIANA
MARIANE ELOAR SILVA CAMARGO
MARINA CELANI GUEDES
MARINA GARCIA CUSTÓDIO
MINA CHYNN KU ALBUQUERQUE
MONIQUE PEREIRA MOLINA
MURILLO BOMFIM NASCIMENTO
PAULA CAETANO LEITE
PAULA SANTANA SCHIMIT
PRISCILA CARDOSO TEIXEIRA
RAFAELLA MARTINS SILVA
REBECCA SANTOS DE SOUZA
RENATA GARCIA CUSTÓDIO
SARA HELEN DA SILVA
SOFIA MAGON WEBER
SOFIA MARTINS RIBEIRO COELHO DE MAGALHÃES
SOFIA SPASSOVA COSTA
SUEWELLYN ABREU VICENTINI
TANIA GUEDES GERMANO
THAYNÁ FERNANDA SILVA BORGES
TIAGO MAGALHÃES PRATES ADULIS
VITORIA COSTA DE SOUSA
YOHANA ROCHA GRANATTA
YSA PAULA DA COSTA OLIVEIRA

PIANISTA CORREPETIDORA
DANA RADU

CORO JUVENIL DA OSESP

REGENTE
PAULO CELSO MOURA

ALINE THAIS MORAES DURÁN
ANA CAROLINA BERGAMASCHI FARIAS
ANDRESSA DANIELLA SANTOS
BEATRIZ DE OLIVEIRA CONTRERA TORO
BEATRIZ RIBEIRO MONTIN
BIANCA CARVALHO DE ALMEIDA
BIANCA FERREIRA DE SOUZA
CARINA BISPO MIRANDA
CARLOS HENRIQUE BUENO DA COSTA
CATARINA AKEMI LOPES KAWAKANI
CHIARA BISTÃO GUTTIERI
DANIEL MARIANO FERREIRA DA SILVA
DAVI MARIANO FERREIRA DA SILVA
ELISABETH PRIMO RIOS
ENZO ROCHA MAGRI
ESTHER CAROLAYNE SILVA FURQUIM
FERNANDA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FERNANDA MOURA DA SILVA
FLÁVIO TIMAR RODRIGUES
GABRIELA NASCIMENTO BARBOSA
GIOVANNA MARIA SILVA CANDIDA
GRAZIELA STEFANO VYUNAS
HELENA DE OLIVEIRA CONTRERA TORO
HELLEN CRISTINA SOUZA SABINO
HENRIQUE SILVA PEDROSO
IZABELA VIEIRA MARCIANO
JACQUELINE LADEIA PEREIRA CASTANHO
JENNIFER ANNE SANTANA DA SILVA
JESSICA CÂNCIO DE OLIVEIRA
JOSEPH CRISTO
JULIANA CALASANS DOS SANTOS
LEONARDO OLIVEIRA DE LIMA
LYGIA POLIA SANTIAGO SAMPAIO
MARCOS NATÃ DAMASCENO FERREIRA
MARGOT LOHN KULLOCK
MARIA CLARA PERRUT DE GODOI
NAARA DOS SANTOS AMARAL
NATHALIA GRILLO DOMINGOS
OLIVIA GONÇALVES
RAQUEL BEZERRA
RENATO FRITZ HOEFLER
SAMUEL CESAR MATHEUS
SOPHIA ALFONSO FREDERICO
STEPHANIE DE FÁTIMA DA SILVA VIANNA
THIAGO CONSTANTINO
VICTÓRIA ANDREZZA PRADO PEREZ
VICTORIA BEATRIZ SOUZA NIZA
VINICIUS COSTA JALOTO
YASMIN MARIA AMIRATO

PIANISTA
DANA RADU

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA
VICE-PRESIDENTE
HEITOR MARTINS
CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
ANTONIO QUINTELLA
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MANOEL CORRÊA DO LAGO
SÁVIO ARAÚJO

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO

PEDRO MOREIRA SALLES
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CELSO LAFER
HORACIO LAFER PIVA
JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES NETO

CONSELHO FISCAL

JÂNIO GOMES
MANOEL BIZARRIA GUILHERME NETO
MIGUEL SAMPOL POU

CONSELHO CONSULTIVO

ANTONIO CARLOS CARVALHO DE CAMPOS
ANTONIO CARLOS VALENTE DA SILVA
ANTONIO PRATA
AUGUSTO LUIS RODRIGUES
DENISE FRAGA
DRAUZIO VARELLA
EDUARDO GIANNETTI
EDUARDO PIRAGIBE GRAEFF
EUGÊNIO BUCCI
FÁBIO MAGALHÃES
FRANCISCO VIDAL LUNA
GUSTAVO ROXO FONSECA
HELOISA FISCHER
JAC LEIRNER
JAYME GARFINKEL
JOÃO GUILHERME RIPPER
JOSÉ HENRIQUE REIS LOBO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO
LORENZO MAMMÌ
LUIZ SCHWARCZ
MONICA WALDVOGEL
NELSON RUSSO FERREIRA
PAULO ARAGÃO
PEDRO PARENTE
PERSIO ARIDA
PHILLIP YANG
RAUL CUTAIT
RICARDO LEAL
RICARDO OHTAKE
SÉRGIO ADORNO
STEFANO BRIDELLI
TATYANA FREITAS
THILO MANNHARDT
VITOR HALLACK
WILLIAM VEALE
ZÉLIA DUNCAN

DIRETORIA EXECUTIVA

MARCELO LOPES DIRETOR EXECUTIVO
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA SUPERINTENDENTE
ASSISTENTES
JULIANA DIAS FRANÇA
CAROLINA BORGES FERREIRA

DIRETORIA ARTÍSTICA

ARTHUR NESTROVSKI DIRETOR ARTÍSTICO
ISABELA PULFER ASSESSORA
DANNYELLE UEDA ASSISTENTE
PLANEJAMENTO ARTÍSTICO
ENEIDA MONACO COORDENADORA
FLÁVIO MOREIRA

FESTIVAL INTERNACIONAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO

FÁBIO ZANON COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO
ASSISTENTE
ÁTILLA OLIVEIRA

JURÍDICO

DANIELLA ALBINO BEZERRA GERENTE
VINICIUS CARLOS SANTOS
VINICIUS KOPTCHINSKI ALVES BARRETO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL E EDITORA CRIADORES DO BRASIL

ANTONIO CARLOS NEVES PINTO COORDENADOR
MILTON TADASHI NAKAMOTO
HERON MARTINS SILVA
CÉSAR AUGUSTO PETENÁ
FELIPE FERNANDES SILVA
GUILHERME DA SILVA TRIGINELLI
LEONARDO DA SILVA ANDRADE
RAFAEL RIBEIRO DA CUNHA
MARINA TARATETA FRANCO DE OLIVEIRA
SEVERINA MARIA TEIXEIRA
DANIELE FIERI SILVA
VINICIUS ANTONIO DOS SANTOS

ATIVIDADES EDUCACIONAIS

ROGÉRIO ZAGHI COORDENADOR
ACADEMIA
CAMILA ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA
JULIANA MARTINS VASSOLER
DANA MIHAELA RADU PIANISTA CORREPETIDORA
EDUCAÇÃO MUSICAL
HELENA CRISTINA HOFFMANN
SIMONE BELOTTI
DANIELA DE CAMARGO SILVA
ISABELLA FRAGA LOPES FERREIRA****
CORO INFANTIL
TERUO YOSHIDA REGENTE
CORO JUNENIL
PAULO CELSO MOURA REGENTE
BRENA FERREIRA BUENO
CORO ACADÊMICO
MARCOS THADEU REGENTE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
RENATA LIPIA LIMA
CAROLINA OLIVEIRA RESSUREIÇÃO*
THAIS DUQUE RIBEIRO*

MARKETING

CARLOS HARASAWA DIRETOR
ASSINATURAS
RAFAEL SANTOS
MARIA LUIZA DA SILVA
THAIS OLIVEIRA DE SOUSA
ANA CARLA MENEZES*
CAPTAÇÃO PESSOA FÍSICA
RITA PIMENTEL
THAMIRIS FRANCO MEDEIROS*
EVENTOS
MAUREN STIEVEN
GABRIELLE A. DE OLIVEIRA COELHO
BRUNA COSTA DE OLIVEIRA*
RELACIONAMENTO PARCEIROS
CAROLINA BIANCHI
BEATRIZ YUMI AOKI
RELACIONAMENTO PATROCINADORES
NATÁLIA LIMA
OLIVIA TORNELLI
MATHEUS RIBEIRO*

COMUNICAÇÃO

MARCELE LUCON GHELARDI GERENTE
NATÁLIA KIKUCHI
ARTES GRÁFICAS
BERNARD WILLIAM CARVALHO BATISTA
IZABEL MENEZES
MICHEL JORGE DE ALBUQUERQUE ABOU ASSALI*
IMPRENSA
ALEXANDRE AUGUSTO ROXO FELIX
FERNANDO FREITAS*
MÍDIAS DIGITAIS
FABIANA GHANTOUS
DANIELA COTRIM
LAURA BING*
PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS
FERNANDA SALVETTI MOSANER
LAÍS VARIZI*
PUBLICIDADE
ANA PAULA SILVA MONTEIRO
GIOVANNA CAMPELO

CONTROLADORIA

CRISTINA M. P. DE MATOS CONTROLLER
ALLINE FORMIGONI ROSSI
JERONYMO R. ROMÃO
MARIO FERRARI FERNANDES DOS SANTOS
RAFAEL HENRIQUE DE SOUZA ALEIXO

CONTABILIDADE

IMACULADA C. S. OLIVEIRA GERENTE
LEONARDO QUEIROZ
LUIMARI RODRIGUES
VALÉRIA DE ALMEIDA CASSEMIRO
ANA CAROLINA AZEVEDO*

FINANCEIRO

FABIANO CASSANELLI DA SILVA GERENTE
VERA LUCIA DOS SANTOS SOUZA
AILTON GABRIEL DE LIMA JR
JANDUI APRIGIO MEDEIROS FILHO
VANIA MARIA ALENCAR
THAYNARA DA SILVA*

(*) ESTAGIÁRIOS
(**) APRENDIZES
(***) LICENCIADO
(****) TEMPORÁRIO

DIVISÃO ADMINISTRATIVA
GIACOMO CHIARELLA GERENTE
KAIKE APARECIDO MENDES COUTO**
CAROLINA BENKO SGAI
RAFAEL LOURENCO PATRICIO
SANDRA APARECIDA DIAS
SERVIÇO DE VOLUNTÁRIOS
ANA CLAUDIA MARQUES DA SILVA
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS
MARIA TERESA ORTONA FERREIRA
MANUTENÇÃO E OBRAS
DANIELA VIEGAS MARCONDES GERENTE
HERCULIS PETROWSKI
MURILO SOBRAL COELHO
OSVALDO DE SOUZA BRITTO
MARCIEL BATISTA SANTOS
FELIPE DE CASTRO LEITE LAPA
EDBERG SOARES DE OLIVEIRA*
GUILHERME FERNANDES DA SILVA*
JOSÉ AUGUSTO SÃO PEDRO
ZENIVALDO DE JESUS
RECURSOS HUMANOS
LEONARDO DUTRA DI PIAZZA GERENTE
MARLENE APARECIDA DE ALMEIDA SIMÃO
THAMIRIS LANE DA SILVA
CAMILA SANTANA DE ARAUJO
INFORMÁTICA
MARCELO LEONARDO DE BARROS
GEOVANNI SILVA FERREIRA
GUSTAVO TADEU CANOA MORGADO
FILIPE ALBUQUERQUE MATOS DE JESUS*
GUILHERME PEREIRA DE FREITAS**
COMPRAS E SUPRIMENTOS
DEISE PEREIRA PINTO
JEFERSON ROCHA DE LIMA
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DE SOUSA
ROSELI FERNANDES
ALMOXARIFADO
WILSON RODRIGUES DE BARROS
MAURICIO AGUIAR OLIVEIRA
ARQUIVO
EDUARDO DE CARVALHO
ISABEL DE CÁSSIA CREMA GONÇALVES
SAYONARA SOUZA DOS SANTOS

RECEPÇÃO
ALEX DE ALMEIDA ALQUIMIM
ANDREIA AMARAL FRUTUOSO
EUNICE DE FALCO ASSIS
FERNANDA HELEN DE SOUZA
CATIANE ARAUJO DE MELO
NAGELA GARDENE SILVA NOGUEIRA
SERVIÇO DE COPA
ROSILENE DE JESUS SOARES
DIVISÃO OPERACIONAL
ANALIA VERÔNICA BELLI GERENTE
DEPARTAMENTO PRODUÇÃO — OSESP
ALESSANDRA CIMINO
ANA NELY BARBOSA DE LEMOS
CAMILA MOURA GONZAGA DOS SANTOS*
FELIPE ULBALDO MILANI
GABRIEL BARONE RAMOS
LUCAS GOMES MARINHO MARTINS
RODRIGO MALUF RAMOS DA SILVA
DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES
MÔNICA CÁSSIA FERREIRA GERENTE
REGIANE SAMPAIO BEZERRA
CRISTIANO GESUALDO
FABIANE DE OLIVEIRA ARAUJO
SIDNEY AUGUSTO DE OLIVEIRA MINGHIN**
GUILHERME VIEIRA
JOÃO GUILHERME SOUZA SILVA*
LARISSA BALEEIRO DA SILVA
VINICIUS GOY DE ARO
DEPARTAMENTO TÉCNICO
KARINA FONTANA DEL PAPA GERENTE
EDNILSON DE CAMPOS PINTO
ERIK KLAUS LIMA GOMIDES
ANGELA DA SILVA SARDINHA
ELIEZIO FERREIRA DE ARAUJO
CARLOS EDUARDO SOARES DA SILVA
BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
ILUMINAÇÃO
DOUGLAS ALVES DE ALMEIDA
EDIVALDO JOSÉ DA SILVA
SOM
ANDRE VITOR DE ANDRADE
FERNANDO DIONISIO VIEIRA DA SILVA
MAURO SANTIAGO GOIS
RENATO FARIA FIRMINO

MONTAGEM
REINALDO ROBERTO SANTOS
RODRIGO BATISTA FERREIRA
RODRIGO STEVANIN
DENILSON CARDOSO ARAUJO
EDGAR PAULO DA CONCEIÇÃO
EMERSON DE SOUZA
GERSON DA SILVA
JOSÉ CARLOS FERREIRA
JÚLIO CESAR BARRETO DE SOUZA
NIZINHO DEIVID ZOPELARO
CONTROLADORES DE ACESSO
SANDRO MARCELLO SAMPAIO MIRANDA
ADAILSON DE ANDRADE
EMILIO DO PRADO RODRIGUES
HUMBERTO ALVES CAROLINO
JULIO CESAR ROSA
LEANDRO VICENTE SVET
MANOEL TOME DOS SANTOS
REGIVALDO LOPES DE SOUZA
REINALDO COPPINI ANTÔNIO
RODNEI DE ALMEIDA MINGHIN
SANDRO SILVESTRE DA SILVA
WILLON DA SILVA RODRIGUÊS
INDICADORES
MARIANA DE ALMEIDA NEVES
ANDERSON BENI
ANDRESSA DA CONCEIÇÃO SANTOS*
BRENDA DOMINGUES SCHNEIDER*
BRUNO MAURÍCIO DE OLIVEIRA SILVA*
DANIELA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO
ELINE SOUZA DO CARMO*
FRANCINA CAROLINA DE SOUSA SILVA*
FABRÍCIO DE FREITAS SILVA
JULIANA LIMA VASQUES*
LAILA FERNANDA SANTOS AMARAL*
MAIARA FATIMA MAGALHÃES MESQUITA
MARIA JOCELMA A. R. NISHIUCHI
MARINA GONÇALVES SILVA*
PEDRO BUSTAMANTE G. VELLOSO BRANDÃO*
REGINALDO DOS SANTOS DE ALMEIDA*
CAMAREIRAS
IVONE DAS PONTES
MARIA DO SOCORRO DA SILVA

AFINE SEUS SENTIDOS.

Tivoli São Paulo - Mofarrej: Hotel Oficial da Temporada OSESP 2015

TIVOLI SÃO PAULO - MOFARREJ
ALAMEDA SANTOS, 1437 | CERQUEIRA CÉSAR
SÃO PAULO | SP | BRASIL

F: 55 11 3146 5900
E: reservas.htsp@tivolihotels.com
www.tivolihotels.com

THE LEADING HOTELS OF THE WORLD

TIVOLI COLLECTION
SÃO PAULO•MOFARREJ BRASIL
CONFERENCE HOTEL & ELEMENTS SPA BY BANYAN TREE

PRAIA DO FORTE | SÃO PAULO | LISBOA | ALGARVE | COIMBRA | SINTRA

experience more

Sinal Verde para a CULTURA

e para você se emocionar com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

A Localiza apoia a OSESP e diversos outros projetos culturais com o Programa Sinal Verde para a Cultura. Uma iniciativa que já viabilizou milhares de eventos, levando entretenimento e arte a todos os cantos do país.

É a Localiza abrindo portas para a cultura e dando sinal verde para você se divertir.

Localiza
Aluguel de Carros

Reservas 24h:
0800 979 2000
www.localiza.com

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

APOIE SUA ORQUESTRA

Há boas razões para ser um Associado Osesp

1. Concertos didáticos para mais de 110 mil crianças e jovens e 1.154 vagas ao ano para professores multiplicadores da apreciação musical;
Aperfeiçoamento de jovens músicos de elevado potencial para ingresso no mercado profissional;
Visitas educativas à Sala São Paulo para mais de 120 mil pessoas.

2. A partir de R$ 400 de contribuição, você é nosso convidado para participar de atividades exclusivas na Osesp, entre outros benefícios.

3. Você pode deduzir 100% de sua contribuição até o limite de 6% do Imposto de Renda devido. No site da Osesp você pode simular valores para melhor usufruir desse incentivo fiscal.

PROGRAMA SUA ORQUESTRA
www.osesp.art.br/suaorquestra
suaorquestra@osesp.art.br
11 3367 9580

/osesp /osesp /videososesp vimeo /osesp

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SALA SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

PROGRAMA SUA ORQUESTRA

AGRADECEMOS A TODOS QUE CONTRIBUEM COM O NOSSO PROGRAMA DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA OS PROGRAMAS EDUCACIONAIS DA OSESP

PATRONO
ACIMA DE R$ 15.001
ALVARO LUIZ BRUZADIN FURTADO
ANDRE RODRIGUES CANO
ANTONIO QUINTELLA
HEITOR MARTINS
FABIO COLLETTI BARBOSA
1 ANÔNIMO

PRESTO
DE R$ 8.001 A R$ 15.000
ANDRÉ CAMINADA
ANDREW THOMAS CAMPBELL
HELIO MATTAR
J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MARCELO KAYATH
MAURICIO CASTANHO TANCREDI

VIVACE CON BRIO
DE R$ 4.001 A R$ 8.000
ABNER OLIVA
ADRIANO ZAN
ALBERTO CAZAUX
ALFONSO HUMBERTO CELIA SILVA
ALFREDO JOSÉ MANSUR
ANA BEATRIZ LORCH ROTH
ANA DE OURO PRETO CORRÊA DO LAGO
ANA ELISABETH ADAMOVICZ DE CARVALHO
ANITA LEONI
ANTONIO AILTON CASEIRO
ANTONIO DE JESUS MENDES
ANTONIO ROBERTO LUMINATI
ARNALDO MALHEIROS
CARLOS ALBERTO DE SÁ LEAL
CARLOS ALBERTO MATTOSO CISCATO
CARLOS ALBERTO WANDERLEY JUNIOR
CARLOS EDUARDO ALMEIDA MARTINS DE ANDRADE
CARLOS EDUARDO MORI PEYSER
CARLOS MACRUZ FILHO
CARLOS ROBERTO APPOLONI
CARLOTA THALHEIMER
CARMEM LUIZA GONZALEZ DA FONSECA
CESAR AUGUSTO CONFORTI
CHISLEINE FÁTIMA DE ABREU
CLÁUDIO AUGUSTO DE MEDEIROS CÂMARA
DEBORAH NEALE
DORIS CATHARINE CORNELIE KNATZ KOWALTOWSKI
EDILSON DE MORAES REGO FILHO
EDUARDO WENSE DIAS
ELIANA AYAKO HIRATA ANTUNES DE OLIVEIRA
ELISEU MARTINS
ELZA MARIA ROCHA PADUA
EMILIO EUGÊNIO AULER NETO
ERWIN NOGUEIRA DE ANDRADE
EURICO RIBEIRO DE MENDONÇA
FERNANDO MATTOSO LEMOS
FERNANDO OCTAVIO MAZZA BAUMEIER
GUILHERME CAOBIANCO MARQUES
GUSTAVO ANDRADE
HAMILTON BOKALEFF DE OLIVEIRA JUNIOR
HEDYWALDO HANNA
HELDER OLIVEIRA DE CASTRO
HELGA VERENA LEONI MAFFEI
HELIO ELKIS
HORACIO LAFER PIVA
ILMA TERESINHA ARNS WANG
ISRAEL VAINBOIM
IVAN CUNHA NASCIMENTO
JAIME PINSKY
JAIRO OKRET
JAYME VOLICH
JOÃO CAETANO ALVARES
JOONG HYUN SHIN
JOSÉ CARLOS BAPTISTA DO NASCIMENTO
JOSÉ CARLOS ROSSINI IGLÉZIAS
JOSÉ ROBERTO BENETI
JUDITH MIREILLE BEHAR
JULIO CESAR DA COSTA
LAURA PALADINO DE LIMA
LAYDE HILDA MACHADO SIQUEIRA
LEA FALLEIROS MENDES
LEONARDO KENJI RIBEIRO KITAJIMA
LIA BRIDELLI
LIVIO DE VIVO
LUIS EDMUNDO PINTO DA FONSECA
LUÍS MARCELLO GALLO
LUIZ AUGUSTO DE QUEIROZ ABLAS
LUIZ DO NASCIMENTO PEREIRA JUNIOR
LUIZ FRANCO BRANDÃO
LUIZ GONZAGA MARINHO BRANDÃO
MARCEL PONS ESPARO
MARCIO AUGUSTO CEVA
MARCIO MARCH GARCIA
MARCOS GOMES AMORIM
MARIA ALEXANDRA KOWALSKI MOTTA
MARIA LUIZA PIGINI SANTIAGO PEREIRA
MARINA DE ALMEIDA AOKI
MARINA PEREIRA ROJAS BOCCALANDRO
MAURICIO GOMES ZAMBONI
MERCIA LUCIA DE MELO NEVES CHADE
MIGUEL LOTITO NETTO
MIGUEL PARENTE DIAS
NELI APARECIDA DE FARIA
NELSON MERCHED DAHER FILHO
NELSON PEREIRA DOS REIS
ORLANDO CESAR O. BARRETTO
OSNI APARECIDO SANCHEZ
OSWALDO HENRIQUE SILVEIRA
PAULO APARECIDO DOS SANTOS
PAULO ROBERTO CAIXETA
PAULO ROBERTO PORTO CASTRO
PAULO ROBERTO SABALAUSKAS
PEDRO HERZ
PETER GREINER
PLINIO TADEU CRISTOFOLETTI JUNIOR
PROVVIDENZA BERTONCINI
RAPHAEL PEREIRA CRIZANTHO
RAQUEL SZTERLING NELKEN
REGINA LÚCIA ELIA GOMES
RICARDO ANSAI
RICARDO PAULINO MARQUES
RITA DE CASSIA BARRADAS BARATA
RODRIGO HUNG SOO PICANCO CHOI
RODRIGO RIBEIRO NOVAES
ROSICLER ALBUQUERQUE DE SOUSA
SAMI TEBECHRANI
SANTO BOCCALINI JUNIOR
SARAH VALENTE BATTISTELLA
SATOSHI YOKOTA
SÉRGIO HENRIQUE DE ANDRADE PEREIRA
SERGIO PAULO RIGONATTI
SERGIO RACHMAN
SIDNEI FORTUNA
SILVIO CHEBABI TEIXEIRA DE VASCONCELOS
STEPHAN WOLYNEC
SUELI DA SILVA MOREIRA
SUZETE GARCIA DE MOURA
TOMASZ KOWALTOWSKI
VALDIR RODRIGUES DE SOUZA
VANIA CURI YAZBEK
VERA DA CONCEIÇÃO FERNANDES HACHICH
VERA LUCIA PERES PESSÔA
VITÓRIO LUIS KEMP
WALDEMAR COELHO HACHICH
WASHINGTON KATO
YOJI OGAWA
ZILMA SOUZA CAVADAS
ZOROASTRO CERVINI ANDRADE
24 ANÔNIMOS

VIVACE
DE R$ 2.001 A R$ 4.000
ALAIN CLEMENT LESSER LEVY
ALESSANDRA MIRAMONTES LIMA
ALEXANDRE LEAO FERREIRA
ALIDA MARIA FLEURY BELLANDI
ANTONIO MARCOS VIEIRA SANTOS
ANTONIO SALATINO
BERTHA ROSENBERG
CARLOS EDUARDO CIANFLONE
CARMEN SILVIA DE MELO
CIBELE RIVA RUMEL
CLODOALDO APARECIDO ANNIBAL
DANIEL DA SILVA ROSA
DEBORA ARNS WANG
DIANA VIDAL
DIDIO KOZLOWSKI
DIONE MARIA PAZZETTO ARES
EDITH RANZINI
EDNA DE LURDES SISCARI CAMPOS
EDSON MINORU FUKUDA
ELAYNE RODRIGUES DE MATOS
ELIANA R. M. ZLOCHEVSKY
ERICK FIGUEIREDO RODRIGUES
ERIKA ROBERTA DA SILVA
ETSUKO IKEDA DE CARVALHO
FÁTIMA PORTELLA RIBAS MARTINS
FILIPPE VASCONCELLOS DE FREITAS GUIMARÃES
FLAVIA HELENA PIUMA SILVEIRA
FRANCISCO SCIAROTTA NETO
FREDERICO MACIEL MOREIRA
GASTÃO JOSE GOULART DE AZEVEDO
GERALDO GOMES SERRA
GONZALO VECINA NETO
JEANETTE AZAR
JOAQUIM VIEIRA DE CAMPOS NETO
JOSE ANTONIO MEDINA MALHADO
JOSÉ CARLOS GONSALES
JOSE CERCHI FUSARI
JOSE DE PAULA MONTEIRO NETO
JOSÉ ESTRELLA
JOSE GUILHERME VARTANIAN
JOSÉ LUIZ DE ARAUJO CANOSA MIGUEZ
JOSE MARIA CARDOSO DE ASSIS
JOSE ROBERTO DE ALMEIDA MELLO
JOSÉ RUBENS PIRANI
JULENE NEVES DE OLIVEIRA JESUS
JULIO MILKO
LEONARDO ARRUDA DO AMARAL ANDRADE
LILIA BLIMA SCHRAIBER
LUCI BANKS LEITE
LUIS ROBERTO SILVESTRINI
LUIZ CESÁRIO DE OLIVEIRA
LUIZ DIEDERICHSEN VILLARES
MARCELO JUNQUEIRA ANGULO
MARCO TULLIO BOTTINO
MARCOS VINICIUS ALBERTINI
MARCUS TOMAZ DE AQUINO
MARIA CECILIA SENISE MARTINELLI
MARIA HELENA LEONEL GANDOLFO
MARIA JOSEFA SUÁREZ CRUZ
MARINA PEREIRA BITTAR
MAURO FISBERG
MICHEL CUNHA TANAKA
MIGUEL SAMPOL POU
MIRIAM DE SOUZA KELLER
NATANIEL PICADO ALVARES
NELSON DE OLIVEIRA BRANCO
NEUSA MARIA DE SOUZA
PASCHOAL PAULO BARRETTA
PATRICK CHRISTIAN POLAK
PAULO DE TOLEDO PIZA
PAULO EMÍLIO PINTO
PAULO MENEZES FIGUEIREDO
PEDRO SPYRIDION YANNOULIS
RAFAEL GOLOMBEK
RENATA SIMON
RENATO YOSHIO MURATA
RENÉ HENRIQUE GÖTZ LICHT
ROBERT A. WALL
ROBERTO LOPES DONKE
ROSA MARIA PESSÔA RANGEL
SALVATOR LICCO HAIM
SERGIO OMAR SILVEIRA
SILVIA CINTRA FRANCO
TARCÍSIO SARAIVA RABELO JR
THEREZINHA PRADO DE ANDRADE GOMES
WALTER JACOB CURI
WANDER AZEVEDO
WILTON QUEIROZ DE ARAUJO
15 ANÔNIMOS

ALLEGRO
DE R$ 1.001 A R$ 2.000
ADEMAR PEREIRA GOMES
ADHEMAR MARTINHO DOS SANTOS
ADRIANA RAVANELLI RIBEIRO GILLIOTTI
ALBINO DE BORTOLI
ALCEU LANDI
ALEXANDRE JOSE MARKO
ALEXANDRE SHINOBE
ALZIRA MARIA ASSUMPÇÃO
ANDRÉ LUIZ DE MEDEIROS M. DE BARROS
ANDRE XAVIER FORSTER
ANTONIO CAPOZZI
ANTONIO CLARET MACIEL SANTOS
ANTONIO DIMAS
ARTUR HENRIQUE DE TOLEDO DAMASCENO
BARBARA HELENA KLEINHAPPEL MATEUS
CARLO CELSO LENCIONI ZANETTI
CÁSSIO DREYFUSS
CÉLIA MARISA PRENDES
CÉLIO CORRÊA DE ALMEIDA FILHO
CHUNG RAN HAN
CLARICE BERCHT
CRISTIANE VIEIRA DOS SANTOS BARROS
DANIEL BLEECKER PARKE
DANUSA STUDART LUSTOSA CABRAL
DAUMER MARTINS DE ALMEIDA
DÉCIO PEREIRA COUTINHO
DORA MARIA SPIRANDELLI
EDSON DEZAN
EDUARDO ALGRANTI
EDUARDO VILLAÇA PINTO
ELIEZER SCHUINDT DA SILVA
ELISABETH BRAIT

ELLEN SIMONE DE AQUINO OLIVEIRA PAIVA
ELOISA CRISTINA MARON
ELOISA THOMÉ MILANI
ELVIS HENRIQUE SANTOS ANDRADE
EMA ELIANA TARICCO DE FIORI
FÁBIO BATISTA BLESSA
FELICIANO LUMINI
FERNANDA DE MIRANDA MARTINHO
FERNANDO CÉSAR NARDUZZO
FERNANDO JOSÉ DE NOBREGA
FRANCISCO SEGNINI JR
FRIEDRICH THEODOR SIMON
GIOCONDA DA CONCEIÇÃO SILVA
GIZELDA MARIA BASSI SIQUEIRA
GLORIA MARIA DE ALMEIDA SOUZA TEDRUS
HELIO JULIO MARCHI
HERMAN BRIAN ELIAS MOURA
IDEVAL BERNARDO DE OLIVEIRA
ILAN AVRICHIR
IRENE ABRAMOVICH
IRENE DE ARAUJO MACHADO
ISABELA SISCARI CAMPOS
ITIRO SHIRAKAWA
IVONE SOUZA CASTELLAR
IVONETE MARTINEZ
JOÃO CLÁUDIO LOUREIRO
JOSE ADAUTO RIBEIRO
JOSE BILEZIKJIAN
JOSE HERNANI ARRYM FILHO
JOSÉ LUIZ GOUVEIA RODRIGUES
JOSÉ NELSON FREITAS FARIAS
JOSÉ ROBERTO FORNAZZA
JOSÉ SUDÁ PIRES
JUNIA BORGES BOTELHO
KARL HEINZ KIENITZ
LÉA ELISA SILINGOWSCHI CALIL
LEONARDO STELZER ROSSI
LIRIA KAORI INOUE
LUCIANO GONZALES RAMOS
LUIZ CARLOS DE CASTRO VASCONCELLOS
LUIZ CARLOS FERNANDES
LUIZ FERNANDO SOARES BRANDÃO
MARCIO DE SOUZA MACHADO
MARCUS VINICIUS LOBREGAT
MARIA CECILIA ROSSI
MARIA ELISA DIAS DE ANDRADE FURTADO
MARIA EMILIA PACHECO
MARIA EVANGELINA RAMOS DA SILVA
MARIA INEZ CEZAR DE ANDRADE
MARIA KADUNC
MARIA LUIZA MARCILIO
MARIA OLGA SOARES DA CUNHA
MARIA SONIA DA SILVA
MARILDA SACRAMENTO CAVALLO
MARINA JAROUCHE AUN
MARJORIE DE OLIVEIRA ZANCHETTA
MAURICIO YASUDA
MAURO NEMIROVSKY DE SIQUEIRA
MESSIAS MACIEL DO PRADO
MICHAEL HARADOM
NADIR DA GLORIA H. CERVELLINI
NELSON ANDRADE
NELSON DE ALMEIDA GONÇALVES
NELSON VIEIRA BARREIRA
NILTON DIVINO D'ADDIO
OSCAR WINDMÜLLER
OTAVIO DE SOUZA RAMOS
OTÁVIO ROBERTI MACEDO
PATRÍCIA GAMA
PATRICIA RADINO ROUSE
PEDRO MORALES NETO
PEDRO RIBEIRO AZEVEDO
PEDRO SÉRGIO SASSIOTO
RAFAEL D'ANDREA
REGINA HELENA DA SILVA
REINALDO MORANO FILHO
RENATA KUTSCHAT
RENATO ATILIO JORGE
RICARDO GASPAR MULLER
ROBERTO MORETTI BUENO
RODRIGO ELIAS MOREIRA
ROGÉRIO VALADARES BRANDÃO
ROLAND KOBERLE
ROSELI RITA MARINHEIRO
RUBENS BRITO DO NASCIMENTO
RUY BIANCHI SARTORETTO
SANDRA SOUZA PINTO
SELMA ANTONIO
SELMA MARIA SCHINCARIOLI
SÍLVIA REGINA FRANCESCHINI
SILVIO ALEIXO
SILVIO ANTONIO SILVA
SILVIO PARTITI
SONIA MARGARIDA CSORDAS
SONIA MARIA LEITE
SONIA MARIA SCHINCARIOLI
SONIA PONZIO DE REZENDE
THOMAZ WOOD JUNIOR
URBANO ALENCAR MACHADO
VALÉRIA GADIOLI
VICENTE PAIVA CORREIA LIMA
VILMA PEREIRA RIVERO VELLA
VIVIANA SAPHIR DE PICCIOTTO
WALTER RIBEIRO TERRA
WILIAM BASSITT
WILMAR DIAS DA SILVA
YVAN LEONARDO BARBOSA LIMA
37 ANÔNIMOS

ALLEGRETTO
DE R$ 400 A R$ 1.000
ALESSANDRO CONTESSA
ALEXANDRE CONTI MARRA
ALEXANDRE SILVESTRE
ANA CAROLINA ALBERO BELISÁRIO
ANATOLY TYMOSZCZENKO
ANDREE SOLAL RIBEIRO
ANNA LAURA OLIVA
ANTONIETA DE OLIVEIRA
ANTONIO CARLOS MANFREDINI
ANTONIO CARLOS REBELLO DA SILVA
AVA NICOLE DRANOFF BORGER
BELA FELDMAN - BIANCO
CARLOS ALBERTO PINTO DE QUEIROZ
CARLOS EDUARDO MANSUELLI FORNERETO
CARLOS EDUARDO SEO
CARLOS INÁCIO DE PAULA
CARLOS ROBERTO PEREIRA
CARMEN GOMES TEIXEIRA
CELIA TERUMI SANDA
CELINEA VIEIRA PONS
CESARE TUBERTINI
CID BANKS LOUREIRO
CIRILO LEMES DE CASTRO
CLAUDIA SERRANO DE AZEVEDO
CLAUDIONOR SPINELLI
CLOVIS LEGNARE
CRISTIANO V. F. MIANO
CRISTINA MARIA MIRA
DALTON DE LUCA
DAN E MATIANA ANDREI
DANIEL DE ALMEIDA OKINO
DANIELA DA SILVA GOMES
DÁRCIO KITAKAWA
DEBORÁ ESPASIANI
DEMILSON BELLEZI GUILHEM
DOUGLAS CASTRO DOS REIS
DULCIDIVA PACCANELLA
EDITH LUCIA MIKLOS VOGEL
EDMUNDO LUCIO GIORDANO
EDUARDO GERMANO DA SILVA
EDUARDO MUFAREJ
EDUARDO PIZA PEREIRA GOMES
EDVALDO DE SOUZA SANTOS
EFRAIN CRISTIAN ZUNIGA SAAVEDRA
ELENICE SALLES KRAEMER
ELIZABETH DE NORONHA ANDRADE
ELY CAETANO XAVIER JUNIOR
EMILY JANAINA GUSHIKEN OLIVEIRA
ERIKA DANTAS KACHY
ESMERIA ROVAI
EVANDRO BUCCINI
FABIO RODRIGO VERGANI CESPI
FAUSTO MORABITO
FERNANDO ANTONIO FOLLADOR
FERNANDO ANTONIO RIVETTI SUELOTTO
FERNANDO HERBELLA
FERNANDO LUIS LEITE CARREIRO
FILIPE ANTONIO DE COAN RAMOS
FLAVIA PRADA
FLÁVIO EDUARDO PAHL
FLÁVIO SENERINE BERTAGGIA
GILBERTO LABONIA
GINA MARIA MANFREDINI OLIVEIRA
HÉLIO JORGE GONÇALVES DE CARVALHO
HENRY ARIMA
HILDA MARIA FRANCISCA DE PAULA
ILMA ADELINA CAUDURO PONTE
ILVIA MARIA BERTI CONTESSA
IRAPUA TEIXEIRA
ÍRIS GARDINO
ISIS CRISTINA BARCHI
JANOS BELA KOVESI
JEAN FERNANDO PINHEIRO MIRANDA
JEFFERSON LIMA MATIAS OLIVEIRA
JOÃO PEDRO RODRIGUES
JOHN WHITTLESEA
JOSE ANTONIO DE ANDRADE
JOSÉ LUIZ CARUSO RONCA
JOSE LUIZ DOS SANTOS
JOSE QUINTO JR.
JÚLIO CÉSAR FERREIRA DA SILVA
KARLA REGINA SILVA
KOICHI MIZUTA
LAFAYETTE DE MORAES
LARRY G. LUDWIG
LEILA TERESINHA SIMÕES RENSI
LEONARDO TEIXEIRA
LILIAN ROCHA DE ABREU SODRÉ CARVALHO
LUCAS DE LIMA NETO
LÚCIA MACHADO MONTEIRO
LUCIA PORCHAT CAUDURO
LUIS MARCIO BARBOSA
LUIZ CARLOS CORSINI MONTEIRO DE BARROS
LUIZ CARLOS TEIXEIRA DE SOUZA JUNIOR
LUIZ EDUARDO CIRNE CORREA
LUIZ GONZAGA PINTO SARAIVA (IN MEMORIAN)
LYDIA SUEKO YOKOYAMA KITAKAWA
MARCELO ANCONA LOPEZ
MARCELO HIDEKI TERASHIMA
MARCELO PENTEADO COELHO
MARCELO SOARES RODRIGUES
MARCIA DENISE FRANCISCO SCHNEIDER
MARCIA MIYUKI UCHIMA
MARCIO BACCAN
MARCIO CORREA E CASTRO PEÇANHA
MÁRCIO MASSAYUKI YOCHEM
MARCOS ALVES DE OLIVAL
MARIA APARECIDA DA SILVA
MARIA CECILIA PEREZ DE SOUZA E SILVA
MARIA CHRISTINA CARVALHAL
MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA
MARIA LUCIA MARTORANO DE ROSA
MARIA LUCIA TOKUE ITO
MARIA LUIZA SANTARINI MOREIRA PORTO
MARIA THEREZA LEITE DE BARROS JUNDI
MARIA VIRGINIA GRAZIOLA
MÁRIO NELSON LEMES
MASATAKE HASEYAMA
MAYSA CERQUEIRA MARIN AUDI
MEIRE CRISTINA SAYURI MORISHIGUE
MICHELE SOPHIA LOEB CHAZAN
MONICA MARIA GOMES FERREIRA
MÔNICA MAZZINI PERROTTA
NANCY ZAMBELLI
NAPOLEON GOH MIZUSAWA
NICK DAGAN
OLAVO AZEVEDO GODOY CASTANHO
OZIRIS DE ALMEIDA COSTA
PASCHOAL MILANI NETTO
PATRÍCIA LUCIANE DE CARVALHO
PAULO SERGIO JOÃO
PERCIVAL HONÓRIO DE OLIVEIRA
REBECA LÉA BERGER
REGINA VALÉRIA DOS SANTOS MAILART
RICARDO BOHN GONÇALVES
RICARDO BONANTE SCHIESARO
RICARDO SAMPAIO DE ARAUJO
RICARDO VACARO
RICARDO VASCONCELOS BOTELHO
RICARDO VON DOLLINGER MARTIN
ROBERT DE MORAES JARDIM AWERIANOW
ROBERTO LASMAN
ROBERTO LUIS AVIGNI
ROGÉRIO MAÇAN DE OLIVERA
ROSANA TAVARES
ROSELY VICCIOLI LOURENCO
RUBENS PIMENTEL SCAFF JUNIOR
SANDRA MARIA MATTA
SELMA S. CERNEA
SOLANGE RIGONATTI
SUELI YOKOMIZO
SUSANA AMALIA HUGHES SUPERVIELLE
TEREZINHA APARECIDA SÁVIO
VALÉRIA DOS SANTOS GABRIEL
VANESSA TEL
VERA PAPINI DE S. M. R. DA COSTA
VERÔNICA HEINZ
WALDEMAR TARDELLI FILHO
WALLACE CHAMON ALVES DE SIQUEIRA
WILMA PARTITI FERREIRA
ZELITA CALDEIRA FERREIRA GUEDES
40 ANÔNIMOS

RELAÇÃO DE NOMES ATUALIZADAS EM 14/04/2015

ASSOCIE-SE!

PARA OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE O PROGRAMA SUA ORQUESTRA, ACESSE: WWW.OSESP.ART.BR/SUAORQUESTRA OU ENTRE EM CONTATO PELO TELEFONE 11 3367-9580

PRECISO ME PREPARAR PARA OS CONCERTOS?

Não é necessário conhecimento prévio para assistir e apreciar a música apresentada pela Osesp. Entretanto, conhecer a história dos compositores e as circunstâncias das composições traz novos elementos à escuta. Com início uma hora antes dos concertos da série sinfônica, **aulas de cerca de 45 minutos de duração abordam aspectos diversos das obras do programa a ser apresentado pela Osesp na mesma data.** Para participar, basta apresentar o ingresso avulso ou de assinatura para o respectivo concerto. Nas Revistas você também encontra comentários de musicólogos e especialistas em linguagem acessível.

SOMENTE MÚSICA

Diferentemente de outros gêneros musicais, a música de concerto valoriza detalhes e sons muito suaves; assim, o silêncio por parte da plateia é muito importante. **Telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos devem permanecer desligados, ou em modo silencioso, durante os concertos. Além do som, também a luz desses aparelhos pode incomodar.**

FUMAR, COMER E BEBER

Fumar em ambientes fechados é proibido por lei; lembre-se também de que não é permitido comer ou beber no interior da sala de concertos.

QUANDO APLAUDIR?

É tradição na música clássica aplaudir apenas no final das obras. Preste atenção, pois muitas peças têm vários movimentos, com pausas entre eles. Se preferir, aguarde e observe o que faz a maioria.

CHEGANDO ATRASADO

No início do concerto ou após o intervalo, as portas da sala de concerto serão fechadas logo depois do terceiro sinal. Se lhe for permitido entrar entre duas obras, siga as instruções de nossos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago que encontrar. **Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.**

IMPORTANTE

Pensando em seu conforto, além da implantação das três saídas para facilitar o fluxo de veículos após os concertos, outra melhoria foi aplicada ao nosso estacionamento: agora você retira o comprovante (*ticket*) na entrada e efetua o pagamento em um dos caixas, localizados no 1º subsolo (ao lado da bilheteria) e no *hall* principal da Sala São Paulo. A forma de pagamento também melhorou; além de cartão de crédito e débito, você pode utilizar o sistema Sem Parar/Via Fácil. Lembre-se: o ticket pode ser pago a qualquer hora, desde sua entrada até o final da apresentação. Antecipe-se. Não espere o final do concerto: pague assim que entrar ou durante o intervalo. Dessa forma, você evita filas, otimiza seu tempo e aproveita até o último acorde.

COMO DEVO ESTAR VESTIDO?

É fundamental que você se sinta confortável em sua vinda à Sala São Paulo. Entretanto, assim como não usamos roupas sociais na praia, é costume evitar bermudas ou chinelos numa sala de concertos.

E NA HORA DA TOSSE?

Não queremos que você se sinta desconfortável durante as apresentações. Como prevenção, colocamos à disposição balas (já sem papel), que podem ser encontradas nas mesas do *hall* da Sala. Lembre-se que um lenço pode ser muito útil para abafar a tosse.

CRIANÇAS

As crianças são sempre bem-vindas aos concertos, e trazê-las é a melhor forma de aproximá-las de um repertório pouco tocado nas rádios e raramente explorado pelas escolas. Aos sete anos, as crianças já apresentam uma capacidade de concentração mais desenvolvida, por isso recomendamos trazê-las a partir dessa idade. Aconselhamos a escolha de programas específicos e que não ultrapassem os 60 minutos de duração.

REVISTA OSESP
MAIO 2015

O CONTEÚDO DAS NOTAS
DE PROGRAMA É DE RESPONSABILIDADE
DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES

ISSN 2238-0299

EDIÇÃO FINALIZADA EM
16 DE ABRIL DE 2015

EDITOR
RICARDO TEPERMAN

PREPARAÇÃO DE TEXTO
FLÁVIO CINTRA DO AMARAL

SUPERVISÃO EDITORIAL
FERNANDA SALVETTI MOSANER

REVISÃO
LUIZ FUKUSHIRO

PROJETO GRÁFICO
FUNDAÇÃO OSESP

DIAGRAMAÇÃO
IZABEL MENEZES

CRÉDITOS
MICHAEL TIPPETT © SCHOTT MUSIC
TEATRO SÃO LUIZ © ARTHUR NESTROVSKI
CONCERTO NA PENITENCIÁRIA © ANA PAULA IGUAL
CONCERTO NA PENITENCIÁRIA © ANA PAULA IGUAL
CONCERTO NA PENITENCIÁRIA © ANA PAULA IGUAL
AYLTON ESCOBAR © ALESSANDRA FRATUS
SIBELIUS © LEBRECHT MUSIC & ARTS
MARTINU © PB MARTINU/LEBRECHT MUSIC & ARTS
ÚLTIMA NOTA © ISABELLA MATHEUS/PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO
PSICOSE © ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES
PRAIA DE IRACEMA © ARTHUR NESTROVSKI
UM AMERICANO EM PARIS © MONDADORI PORTFOLIO VIA GETTY IMAGES
ENSAIO TIPPETT © HAYWOOD MAGEE/PICTURE POST/GETTY IMAGES
OSMO VÄNSKÄ © GREG HELGESON
CORO DA OSESP © ANA FUCCIA
QUARTETO OSESP © RODRIGO ROSENTHAL
PATRICIA KOPATCHINSKAJA © MARCO BORGGREVE
STÉPHANE DENÈVE © UWE DITZ
ÉRIC LE SAGE © JEAN-BAPTISTE MILLOT
FRANK BRALEY © DIVULGAÇÃO
MARK WIGGLESWORTH © BEN EALOVEGA
MEASHA BRUEGGERGOSMAN © MAT DUNLAP
SUSAN BICKLEY © JULIE KIM
STUART SKELTON © DIVULGAÇÃO
PETER COLEMAN-WRIGHT © DIVULGAÇÃO
NAOMI MUNAKATA © GLORIA FLUGEL
MARCOS THADEU © DIVULGAÇÃO
CORO ACADÊMICO DA OSESP © ALESSANDRA FRATUS
OSESP © ALESSANDRA FRATUS

A *REVISTA OSESP* ENVIDOU TODOS OS ESFORÇOS PARA LICENCIAR
AS IMAGENS E TEXTOS CONTIDOS NESTA EDIÇÃO. TEREMOS PRAZER
EM CREDITAR OS PROPRIETÁRIOS DE DIREITOS QUE PORVENTURA
NÃO TENHAM SIDO LOCALIZADOS.

SALA SÃO PAULO
FUNDAÇÃO OSESP
PRAÇA JÚLIO PRESTES, 16
T 11 3367.9500

LOCAÇÃO DE ESPAÇOS NA SALA SÃO PAULO
EVENTOS@OSESP.ART.BR

ANÚNCIOS NA REVISTA OSESP
MARKETING@OSESP.ART.BR | 11 3367.9556

ARTE NA CAPA

Cada número da *Revista Osesp* traz na capa uma obra de artista brasileiro contemporâneo, do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Os trabalhos foram selecionados pela curadora–chefe da Pinacoteca, Valéria Piccoli, juntamente com o diretor artístico da Osesp.

CARLOS MARTINS
Araçatuba, SP, 1946

Canto IX, da série *10 cantos*, 1981
Água-forte e água-tinta sobre papel
26,7 x 26,5 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.
Doação do artista, 2006
Foto: Rodrigo Rosenthal

CARLOS MARTINS (Araçatuba, SP, 1946)

Carlos Botelho Martins Filho é gravador, curador, museólogo e professor. Graduou-se em Arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1969. Estudou desenho na Escola Brasil e, entre 1973 e 1977, fez cursos de gravura em metal na Chelsea School of Art, na Sir John Cass School of Arts e na Slade School of Fine Art, todas na Inglaterra. Na Itália, frequentou a Accademia Raffaello, em Urbino. Ao retornar ao Brasil, em 1978, participou do 1° Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu Nacional de Belas Artes. Em 1982, foi premiado como melhor gravador pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Estudou monotipia em Nova York e começou a lecionar gravura na Pontíficia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no Museu do Ingá, em Niterói. Em 1984, fundou o Gabinete de Gravura do Museu Nacional de Belas Artes e, entre 1991 e 1995, dirigiu os Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro. Em 1996, tornou-se curador da Coleção Brasiliana/Fundação Estudar, que foi doada em caráter definitivo para a Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2007. Atualmente, é curador do Gabinete de Gravura Guita e José Mindlin, na mesma instituição.

OSESP.ART.BR

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

APOIO CULTURAL

Abril gráfica

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaría da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA